



**JOÃO DA SILVA  
MARQUES**

— o homem que deixou de  
ser campeão após 18 anos  
de vitórias! *(foto Hermann)*

**Stadium**

N.º 39 \* 1 de Setembro de 1943

# A VOLTA do futebol

**F**INDOU a época do «defeso» no futebol. Embora os campeonatos districtais comecem somente no dia 19 de Setembro, a verdade é que entramos, praticamente, em nova temporada do popular desporto.

Há, evidentemente, pessoas que não simpatizam com o futebol — e há também pessoas para quem o futebol é jogo próprio do inverno, para ser praticado sobre campos de erva bem tratada. É natural que nenhuma delas sinta prazer com o regresso do futebol — em princípios de Setembro — no primeiro caso, por falta de simpatia pelo jogo, no segundo porque os terrenos estão ainda duros e porque se colhe deste modo a impressão de que está próximo novo inverno, com o habitual cortejo de chuvas e frios.

O certo, porém, é que o futebol, excelente jogo de equipa, não deixou ainda, e não deixará facilmente, de ser o desporto mais popular, em toda a parte — em Portugal e no estrangeiro. E não deixa também de ser dos desportos mais emotivos, quando bem jogado. Goza, por isso, de situação privilegiada. Domina, em absoluto, todos os outros desportos.

A volta do futebol, ainda mesmo durante o verão, mas já quando a temperatura principia a baixar, representa, para a imprensa da especialidade, o regresso ao período das jornadas dominicais de um desporto que desperta franco entusiasmo entre os clubes e o público. Com o futebol, volta a animação a determinados sectores da actividade desportiva — e a inúmeros campos atléticos espalhados por todo o país.

Por tudo isto, não podemos mostrar-nos indiferentes à abertura da nova época de futebol. É, para nós, para todos os jornais, o período de mais larga expansão desportiva, o ciclo de mais aturado trabalho, a fase de contacto mais acentuada e mais vibrante com o público das grandes competições desportivas, dos grandes espectáculos nacionais de desporto.

Saudemos, pois, o regresso de S. Ex.<sup>a</sup> o Futebol, aureolado de um prestígio cimentado com o decorrer dos anos.

Fazendo votos por que a nova temporada corresponda à anterior, em correcção de jogadores, em aprumo de dirigentes e em interesse das entidades oficiais pela valorização técnica e moral do jogo; formulamos, também, os nossos votos pela animação da época, pelo progresso dos jogadores portugueses e pela subida do valor de Portugal no concerto desportivo das nações.

# NOTAS & COMENTÁRIOS

**A**S festas comemorativas do aniversário do Clube Nacional de Natação têm sempre um cunho especial de entusiasmo. É que este clube tem realizado obra notável, em prol da natação, em condições muito particulares — à custa de alguns percalços...

A última contrariedade — a ordem de saída da doca de Alcântara, há anos — deu origem ao princípio de um lindo parque de jogos. Há clubes que tiram excelente partido das dificuldades que se lhe deparam. Sabem dominá-las, para vencer com mais brilho. O Nacional é um deles. Os nossos parabéns, por essa virtude!

**N**UM dos seus últimos números, publicou o «Século Ilustrado», nosso prezado colega, uma excelente série de fotografias com diversos aspectos do Estádio Nacional.

A construção do Estádio encontra-se quasi concluída. As suas instalações são magníficas. É um edifício que honra o desporto — e o Estado.

**D**ISPUTARÁM-SE no sábado e domingo os campeonatos nacionais de natação, que foram marcados com grande antecedência. As associações regionais tiveram, assim, bastante tempo — para preparar os seus campeonatos. Não obstante assim ser, nem todas as associações se interessaram oportunamente pelas provas, não sabemos se por culpa delas, se por culpa dos clubes filiados.

É sempre o eterno círculo vicioso — as associações não fazem provas, porque os clubes não as disputam. E os clubes não aparecem porque não há quem as organize... As épocas passam, entretanto, sem qualquer afirmação de progresso.

**C**ALDAS DA RAINHA, excelente estância termal, está seguindo o exemplo de outras termas, com um campeonato de «lawn-tennis», nos «courts» do Parque do Hospital da Rainha D. Leonor. Os campeonatos, que abrangem várias categorias, decorrem com muita animação.

**S**ÃO inúmeras as provas de que a actual guerra está dificultando a renovação de valores, em vários países. Agora, por exemplo, coube a Van Vliet ganhar o campeonato holandês de velocidade em ciclismo.

Van Vliet não é um campeão velho. Mas o seu nome vem já de há um ou dois Jogos Olímpicos. Não é tão novo como pode parecer...

**H**A resultados que são pouco vulgares, merecendo, por isso, registro especial. Encontramos neste caso a série de triunfos conquistados pelo patinador Rogério Miguéis, do Benfica, nos recentes campeonatos nacionais de patinagem.

Rogério Miguéis ganhou, por si ou em cooperação com diversos companheiros de clube, nove campeonatos nacionais (cinco provas individuais e quatro estafetas), bateu dois «records», nos 300 e 500 metros, e fez parte das equipas que bateram os «records» de 3x200, 3x500 e 3x1000 metros.

Leonel Costa, um dos veteranos do Benfica, distinguiu-se, ainda, cooperando em três «records» de estafetas e conquistando três segundos lugares.

ANO XI — Lisboa, 1 de Setembro de 1943 — II SÉRIE-N.º 39

**STADIUM**  
REVISTA DESPORTIVA  
Director e Editor  
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da  
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:  
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º  
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.  
Composição e impressão tipográfica na  
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**D**É um editorial do nosso prezado colega Diário de Notícias, saído certamente da pena brilhante do dr. Augusto de Castro, recordamos, com a devida vénia, os seguintes períodos:

«O desporto português tem de ser, principalmente, o Mar que, num grande esorínio azul, enlaça as nossas costas e há cinco séculos nos chama para a glória, a aventura e a saúde. E' nos areais, sobre os nossos barcos, nas nossas rochas debrupadas sobre o largo, que são peis dos marinheiros e pescadores encontro, com a história, a sua grande tradição física e espiritual.

Mas o mar não é apenas um grande revigorador muscular, um grande agente rejuvenescedor e terapêutico e a mais luminosa, variada, vasta e nobre paisagem que possa deslumbrar, alargar, encantar e baixar olhos humanos — paisagem essencialmente portuguesa, que Portugal tráz no sangue desde que, no Mundo, creceu e se fez gente. O Mar é também a grande escola de carácter que abandonámos e a que tardamente, a custo, regressamos.»

**J**A temos feito aqui algumas referências ao «Sport Lisboa e Benfica», semanário do popular clube lisboense. Voltamos a falar do referido periódico, para recordar, com a devida vénia, de um excelente e oportuno artigo de Fernando Ferreira, valeroso atleta do mesmo clube, os seguintes períodos:

«Têm-se dado da melhor vontade, e com mais prontidão, mãos cheias de contos para a compra de um jogador de futebol, do que para melhorar instalações ou comprar material desportivo. O raciocínio seguido é o de que mais vale ter uma boa equipa e precárias instalações desportivas, do que o inverso. A diferença, pensa-se inconscientemente, entre uma boa equipa e um belo estádio, é que a primeira ganha campeonatos e o segundo não.»

Estes comentários traduzem boa visão do desporto. Merecem, por isso, que os transcrevamos. Constituem, de facto, doutrina digna de expansão. Os clubes, grandes ou pequenos, não podem limitar a sua função à conquista de troféus. É preciso fazer desporto no bom sentido do termo.

**S**EGUE a série das assembleias gerais — nos grandes clubes e em algumas fuderções. Não há dúvida de que se está em vésperas de nova temporada. Nova época — nova gente. É dos livros — e da sabedoria das nações...

**A** função de qualquer clube é coisa suficientemente complexa para obrigar a estudos — e canções. Mas nem todos os clubes têm as mesmas condições de vida e nem todas as provas de desporto podem ter as mesmas condições de vigor.

Entre um clube de Lisboa e um clube de qualquer aldeia, a diferença é enorme. Não podem exercer de modo idêntico a sua função própria, embora ambos sejam órgãos do mesmo grau na escala hierárquica da organização desportiva.

Dá-se o mesmo com as provas. Entre as exigências de uma prova em Lisboa e outra que se disputar numa aldeia, há também grande diferença. O facto pôde ser observado recentemente, com a prova pedestre dos 3.000 metros das «Jornadas Desportivas» do nosso colega Diário de Notícias. Nas sédes dos concelhos concorrentes não pôde haver o rigor que se verificou em provas dos distritos — e com a final. Mas as provas concelhias foram indispensáveis — tanto para o êxito da iniciativa, como para a propaganda do pedestrianismo na província.

**E**M Sesimbra, disputam-se, no próximo domingo, organizadas com o patrocínio de O Século, nosso conceituado colega da imprensa diária, as tradicionais provas de remo entre tripulações de pescadores. São provas interessantes, por dois motivos — por obrigarem os pescadores a cuidar da técnica do remo, base da sua profissão, e pela animação que despertam entre os concorrentes e o público. Constituem, por tal motivo, excelentes jornadas de propaganda desportiva.

Entre nós disputam-se poucas provas destas características. Em Espanha são mais frequentes. E têm por vezes grande relevo oficial.

# Cantigas de "Os Sports"

## ATLETISMO

### Os Campeonatos Nacionais vão estrear a pista do Sporting A tabela dos «records» da F. P. A.

Comentários por SALAZAR CARREIRA

**P**OR temperamento e hábito não alimentamos polémicas. No entanto, uma vez impellidos para elas também não voltamos a cara, embora reconhecendo que do «dize tu, direi eu» não advêm vantagens: apenas consumimos tempo e espaço, talvez com o gáudio de certo público especial — mas em prejuízo da verdadeira finalidade da nossa missão!

Vá lá uma vez — sem exemplo.

«Os Sports», o jornal dos gigantes, tinha lá dentro certa porção de bilis em fermentação, acumulada em uns tantos meses de olhares vesgos para «Stadium» — um competidor que ousara aparecer sem prévia licença dos mestres, amos e senhores que excomungam todos que não fôrem até lá ao beija-mão.

Uma nota que publicámos, por obra de certa produção poética de um seu eminente colaborador — cujo mérito pessoal não está em causa, pois foi há muito reconhecido, pública e oficialmente, com justiça e verdade — deu-lhe a suspirada oportunidade para se meter conosco, expellindo roxos vomitos de raiva tóla.

Mas como a resposta que lhes demos foi feita com a elevação que os nossos princípios e educação nos permitem, os vulgares inquiridores transformam, como é seu costume, uma contestação leal e desassomburada em pseudo «volta à estacada».

Vêm-se, porém, forçados a confundir os pés com as mãos e fazem de truões, em chalacha vulgar e empregando calão, que tanto apreciam. Sentem que estão a esgrimir com a sombra — e procuram fazer espírito.

Tentam o papel de ingénios. Falam em atoardas, em tartamudear insinuações (julgam pelos próprios sentimentos...) e chamam-nos vários «nomes». Devem ter ficado a inipar de satisfação, os *nado-mestres*, desafiando-nos para um duelo de epítetos que sabem não estar nos nossos hábitos — nem mesmo quando, como agora, podíamos ir buscar ao seu vocabulário especial boa porção de termos flagrantemente apropriados para retribuir a quem se nos dirige assim.

No caso da *transcrição* da poesia «inserta outrora» nas nossas colunas, deturpam, fazem jogo de palavras, de confundir os pobres de espírito. E repetem que o autor não tem vedada a facilidade de publicar os seus trabalhos «onde quiser», jactância de que o interessado não tem culpa, pois os seus entusiásticos defensores não souberam exprimir-se: escreveram realmente assim — mas pretendiam dizer «onde lhes aceitarem».

Não desejámos, repetimos, voltar a responder aos ilustres *mestres*. Mas há outra vez uma «particularidade» que temos de focar — e da qual os leitores vão ser juizes, aquilando dos processos dos ex-senhores do jornalismo desportivo:

No último número escrevemos: «... não nos repugna aceitar que do pormenor não houvesse conhecimento naquele jornal, porque, segundo é voz corrente — e dela se fazem eco os próprios colaboradores de «Os Sports» — o autor da poesia em questão dá aos seus leitores «inéditos»... já publicados».

Em resposta, «Os Sports» disseram: «O que não nos parece elegante é que «Stadium» venha denunciar os colaboradores deste jornal que lhe prestam serviços, arguindo-os de se fazerem eco de opiniões que podem afectar (sic) «Os Sports».

Ora não se denunciou ninguém — fez-se uma afirmação, disse-se uma verdade! Já há dias informámos os *mestres* de que não copiamos os seus processos. A alveiosia está à vista — muito à vista, felizmente, para os de boa vontade...

As piadas luminosas e as graças iluminadas dos *luminaras* do jornalismo desportivo, não

**O** ciclo das competições oficiais sofreu uma semana de interrupção para haver tempo de concluir a nova pista construída pelo Sporting no estádio do Lumiar e cuja inauguração será comemorada com a disputa dos nacionais de 1943.

A iniciativa sportinguista é bem digna de aplauso e por certo vai ser motivo de júbilo para todos os amigos do atletismo, que vêm assim melhoradas as condições de prática da modalidade. Com duas pistas, uma em cada extremo da sua área, Lisboa duplica as possibilidades de propagação, alternando nos dois recintos as organizações oficiais, enquanto outros não aparecem a imitá-las.

Não cremos que haja quem sustente opinião contrária: o esforço dos dirigentes «leioninos» tem direito a imediata compensação moral e será com alegria, suponho, que todos os atletas pisarão a nova pista e diligenciarão estreá-la com luzimento.

Só um mesquinho sentimento de inveja, que não existe felizmente nos praticantes nem nos dirigentes da modalidade, provocaria reacção contrária.

A-pesar-dos cuidados de construção e preparo da nova pista, cujo perímetro à corda será de 380 metros aproximadamente, pode admitir-se que as condições de consistência e aglutinamento do piso não sejam ainda óptimas — mas melhores do que o terreno de futebol do campo visinho serão com certeza.

Com este melhoramento, o estádio do Lumiar, empreendimento audacioso do inesque-

cível José Aivalade, recupera parte da sua antiga magestade; em torno do rectângulo de jogo ressurgiram as pistas para atletismo e ciclismo e começamos a poder sonhar para um dia a visão panorâmica ambicionada de um tapete verde, cercado pelos anéis negro e acinzentado do carvão e do cimento.

A existência de pistas de atletismo em dois dos principais campos de futebol da cidade, onde muito provavelmente se hão-de celebrar, semana a semana, jogos de campeonato, e ainda a circunstância de começar este ano mais cedo o torneio regional, prestam-se a excelente propaganda da corrida pedestre, pela inclusão de pequenos programas de dez minutos, ocupando o intervalo regulamentar da partida.

Quando estivemos em Madrid, há cerca de ano e meio, assistimos a uma corrida de 3.000 metros no intervalo do jogo Madrid-Atletic, em Chamartín, com pleno agrado do público. Nada impede que o exemplo seja seguido entre nós se os clubes se dispuserem de facto a colaborar no interesse do atletismo, pondo de parte birras e caprichos dos dirigentes.

Já é tempo de substituir o habitual enumerado dos serviços pessoais, por serviços de facto, sem segunda intenção. De tanto que se tem celebrado o trabalho em profundidade (é realmente formidável quanto se tem aprofundado o trabalho de sapa até encontrar o filão) poderíamos supor que há na realidade progresso apreciável — e a época forneceu resultados apreciáveis; ora a realidade está muito longe de corresponder à hipótese.

Chegámos à beira dos nacionais com uma temporada inferior à precedente. Até agora, as melhores marcas de 1943 superam as de 1942 apenas em seis das dezassete provas individuais do programa oficial. São elas os 100 e os 400 metros, os 110 metros barreiras e os lançamentos do peso, dardo e martelo.

Isto quanto à qualidade, porque a respeito da quantidade é melhor não lembrar factos tristes.

As jornadas de sábado e domingo próximos trazem-nos o estímulo da provável presença dos portugueses que mais se distinguiram, como Cadete, Sampaio Peixoto, Coutinho e Bernardo Silva, talvez também do conimbricense Abreu Lima e ainda de novos elementos de classe nas equipas lisboetas.

Os nacionais, como é lógico, apresentam-se como o melhor aceipe da ementa atlética do ano; oxalá lhes não estraguem o tempo...

#### A tabela de «records» para 1943

A Federação Portuguesa de Atletismo acaba de publicar a sua lista anual dos «records» nacionais em todas as categorias. Edição cuidada, em formato prático, contendo as indicações necessárias mas que deviam ser completadas pela inclusão da data correspondente à realização da marca e não apenas do ano, o que é demasiado vago.

Também notamos nesta tabela uma anomalia extraordinária: a homologação de «records» em provas que o regulamento oficial da Federação não reconhece.

Estão nestas condições o triplo para as Escolas Superiores e para os juniores, o martelo de cinco quilos, também para os juniores, e as estafetas de 3x300, 3x1000 e 4x1000 metros.

Note-se que admitimos perfeitamente a inclusão destas provas na tabela e até a dos concursos respectivos nos programas de campeonatos académicos e de juniores, mas isso não impede que seja ilegal a sua presença, homologadas antes de modificado o regulamento de «records» pelo congresso federativo.

O reconhecimento do máximo de uma estafeta 3x300 metros para seniores é absolutamente arbitrário, pois a distância não

(Conclui na página 11)

as estranhámos. Pelo contrário, com a actividade requerida pela introdução do «jogo das três passagens» — uma das maiores desafortunadas do século XX — do campeonato das damas e do Retiro dos Pacatos (não confundir com o do Aricero...), é natural que tenham perdido o gosto à bicicleta e desculpável o desdém com que a olham agora. Natural e desculpável — mas pouco previdente, porque embora as *passagens* hoje estejam difíceis, e muito mais às *irés* de cada vez, pode às vezes surgir algum nababo que queira ir nas «Volts»... que o Mundo dá e lá têm de voltar à bicicleta, para alardear a sua grande obra desportiva. De resto, diz o vulgo, quem desdenha quer comprar. E nós temos fundados motivos para supor que aos *mestres* não lhes repugnaria muito... andar numa «Flecha»!

Ao fim e ao cabo, fica de pé a verdade que deu origem ao nosso eco e que, para respeito de certas «praxes, tendências e tradições», motivou a picaresca atitude dos *nado-mestres* nossos antagonistas; o jornal «Os Sports» *transcreveu*, integralmente, um trabalho poético que a revista «Stadium» já publicara há muito.

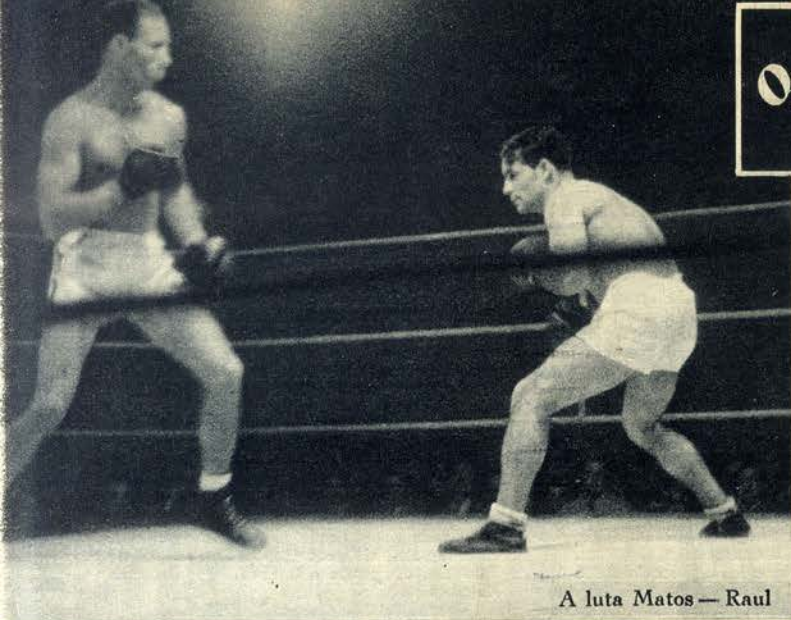
Percalços que podem suceder a qualquer. Não cabe a culpa àquele jornal? A nós muito menos... Tampouco temos responsabilidade de que em manifestação de desacórdio, entre gente que tem por missão escrever para o público, se empreguem sistemas e termos impróprios.

E agora, sim, ponto final!

Há males que vêm por bem. Manifestando-nos a sua simpatia e verberando as grosserias publicadas a nosso respeito neste curioso caso, dirigiram-se-nos gentilmente várias pessoas.

A todos afirmámos o nosso sincero reconhecimento, permitindo-nos pôr em destaque uma amável carta assinada por dois desportistas de Coimbra, que muito nos desvaneceu.

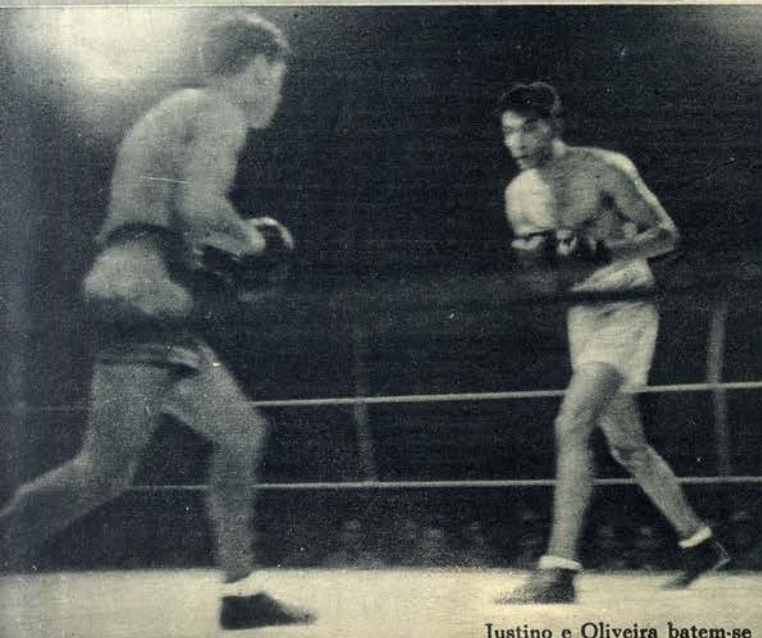
## Boxing no Campo Pequeno Os dois novos moçambicanos não foram felizes na sua estreia



A luta Matos — Raul



No "match" Carlos Gomes — Mésueguer



Justino e Oliveira batem-se

VOLTAMOS a ter «boxing» no Campo Pequeno. Mas, desta vez, os senhores organizadores não foram felizes — nem mesmo os pugilistas! O público também não correspondeu ao chamamento — que a praça é grande, o programa não convidava mesmo nada e a noite estava fresca, a pedir outras distrações: teatro ou cinema, por exemplo. A verdade é que a assistência era, como costumam dizer os cronistas de toiros, de pouco mais de meia casa.

O espectáculo, como manifestação desportiva, não agradou — nem podia agradar... Os pugilistas escolhidos, à parte os moçambicanos — uma incógnita para o público — e Matos ou Raúl, aquele sabedor e este voluntarioso e honesto a combater, já são conhecidos e não interessavam! Assim sucedeu, afinal. E a experiência deve ter convencido a empresa de que é preciso mais cuidado, para o futuro, principalmente porque o público que paga o seu bilhete tem de ser mais bem servido! Mas como a empresa é a mesma que apresentou Levi... — o público desculpará este infeliz reatamento nos espectáculos de «boxing». E aguardemos as próximas reuniões, que, naturalissimamente, devem interessar muito mais.

Houve algo de desequilíbrio em tudo aquilo! E pouco apoio do público, aos estreantes, em especial a Justino, que ao 2.º «round» era asobiado e no seguinte recebeu, juntamente com o adversário, aviso para dar combate! Ora a verdade é que Alfredo de Oliveira andara a fugir-lhe, à roda do «ring» — e nestas circunstâncias é impossível combater-se. Mas no final da sessão é que foi o bom e o bonito...

Em primeiro lugar, Carlos Gomes — o único dos moçambicanos que não o é de naturalidade (nasceu, salvo erro e segundo ouvimos dizer por aí, em Santo António da Charneca) mas sim porque viveu até agora, e desde os dois anos, em Lourenço Marques — teve atitudes de superioridade e sobrançeria que não ficam bem a um «boxeur» e o público reprovou logo. Cautela! Não é assim que se conquista a popularidade... E nada mais prejudicial a qualquer pugilista profissional que incorrer no desagrado do público. A impopularidade — que o digam Alpañez, Augusto de Sousa e Rebordão! — é o pior que lhes pode suceder. Agora, a propósito de Sousa: este rapaz, que tem inegáveis qualidades, pode, se quiser, impor-se como se impôs em Barcelona; o que é preciso é ter brio.

Por último (voltemos à sessão do Campo Pequeno) o espanhol Mésueguer — involuntariamente, talvez, porque estava muito perto do adversário e fôra castigado com dureza, tendo de encolher-se todo para suportar a dor provocada pelo golpe — deu uma joelhada no tal Gomes, que a acusou com escusado espalhafato.

E aqui começa a história... — quer dizer: foi o fecho da sessão! Mas lá ardoendo Trola — perdão: ia desaparecendo a praça, tanta a barulheira que o público fez! E' que Xavier de Araujo decidira (e, quanto a nós, muito bem, embora precipitadamente...) desclassificar Mésueguer. Mas os senhores da Federação (directores e conselheiros técnicos) é que não queriam isso! E pretendeu-se, até, que o «match» prosseguisse — já depois da decisão do árbitro! Para isso houve diversos conciliábulos e consultaram-se regulamentos... Até que um senhor doutor de Medicina subiu ao estrado (foi lá duas vezes!) confirmando-se então a existência de traumatismo e inchação. Foi dito ao público que o médico verificara a existência de golpe baixo (se «verificara», para que lá foi?!...) e a impossibilidade de Gomes para continuar o combate, declarando-se que a vitória era atribuída ao moçambicano da Charneca por desclassificação de Mésueguer. Mas, senhores federativos, a decisão estava dada pelo árbitro, logo que parou o combate. Em cima do «ring» é ele soberano. É, bem ou mal, a decisão do director de combate não pode ser contrariada.

E agora justifiquemos por que se disse, acima, que o árbitro agira precipitadamente: é que, das duas, uma: ou Xavier de Araujo viu nitidamente o golpe irregular de Mésueguer (note-se que acreditamos, sinceramente, ter sido dado pela força das circunstâncias) e então não precisava de suspender o «match» e conceder a Gomes o minuto de repouso que a lei confere ao «boxeur» para se recompôr, pois desclassificava acto contínuo o espanhol; ou então, desde que não tivesse a certeza da existência do golpe irregular, dava o descanso mas pedia a intervenção de um médico. Quanto mais não fôsse, para ilibar-se de responsabilidades; e ainda mais porque o público recebera de mau modo a indicação do seu nome...

A sessão foi isto — e pouco mais! Perdão, houve um combate duríssimo entre Diamantino Gama (73,800) e José Luis (75,300) e um excelente «match» de «boxing» (esse sim!) entre Manuel Matos (60,200) e Raúl Oliveira (63 quilos) — que os pugilistas indicados em primeiro lugar ganharam com merecimento, mas cada qual com seu quê: um porque deu mais socos (mas levou também muitos...) e outro porque fez, realmente, melhor «boxing», em todo o sentido.

Os dois novos moçambicanos, pupillos do sr. Palma Mira, não tiveram estreia feliz no continente. Carlos Gomes (66,200) defrontou Mésueguer (66,600) — mas em «round» — e meio não houve tempo para nada! O público ficou precisamente na

# Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

1—Olga Ribeiro, detentora do "récord" nacional de barreiras.

1—A cova não foi convenientemente preparada e não presta assim o apoio indispensável; apenas a extremidade digital do pé está encostada à parede posterior, e mal, porque esta não foi talhada a pique. As covas devem ter profundidade bastante para dar apoio a toda a planta do pé, e nunca apenas aos dedos; a parede posterior é escavada quasi perpendicular ao solo, para oferecer resistência à impulsão para diante e permitir a posição normal do eixo do pé relativamente ao eixo da perna.

2—A perna posterior não colaborou no impulso, como mandam os preceitos; se assim fôsse, não estava tão flectida na fase representada. Só a perna da frente faz força para empurrar o corpo para diante; a atleta, no anseio de acelerar o primeiro passo, precipitou a saída do pé posterior da cova sem lhe aproveitar a parcela possível de impulsão.

3—O joelho deve esticar-se completamente antes do pé oposto atingir o solo; o mesmo se pode dizer relativamente à anca, porque perna e tronco ficam no prolongamento um da outra no final da impulsão.

4—Já dissemos que não consideramos excelente a projecção do braço estendido para traz; preferimos vê-lo flectido pelo cotovêlo, de ângulo voltado para cima, porque essa posição facilita o retorno imediato, cuja importância para a aceleração da partida é superior ainda à do impulso de saída das covas.

2—Manuel Nogueira, campeão regional da légua.

1—Atitude de braços característica do estilo de fundo preconizado pelos finlandeses: na sua deslocação anterior o cotovêlo afasta-se do tronco e pouco ultrapassa o plano transversal do corpo. O braço lançado à retaguarda fecha o ângulo de flexão do cotovêlo, de maneira que os antebraços



se conservam sempre próximo da horizontal.

2—O pé da retaguarda elevou-se bem do solo, o que facilita a deslocação do joelho à frente e o aumento da amplitude natural de passada.

3—Para nem tudo ser louvor, note-se que o pé assenta no solo com a ponta ligeiramente desviada para fora.

4—Também a posição do tronco se apresenta demasiado inclinada para diante se levarmos em conta de apreciação a distância da prova. O centro de gravidade avança assim sobre o pé de apoio, destruindo a economia de equilíbrio, importante em corridas de esforço prolongado.

3—Fernando Matos Fernandes, campeão de salto em altura.

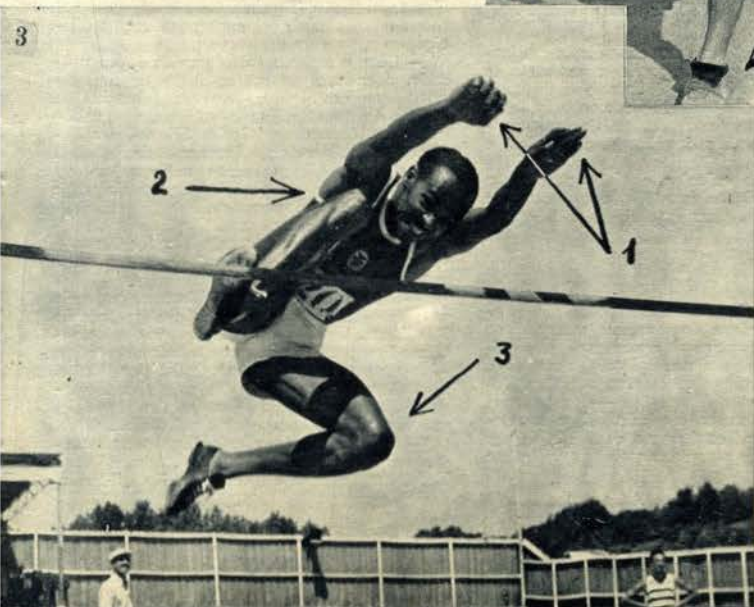
Eis a segunda fotografia que há oito dias citámos e completa o estudo do estilo do nosso melhor saltador em altura.

1—A posição dos braços mostra ainda melhor aqui o defeito de direcção já por nós apontado: ambos subiram demasiado à vertical, desviando inutilmente a trajectória do busto da sua directa marcha ascendente para cima da barra. Verificando-se o engrupamento

— termo da gymnástica aplicada, que às circunstâncias se aplica perfeitamente — favorável à subida e ao rolamento de passagem, o auxílio dos braços seria mais efectivo se o saltador os projectasse para diante, precedendo o tronco, em vez de os lançar até acima da cabeça.

2—A primeira perna vem muito bem lançada, joelho bem alto e avançado ao tronco, o pé também destacado para diante em relação à nadega, mas...

3—Há uma abdução da coxa na perna de chamada que não se coaduna com as condições de impulsão e só pode prejudicar na fase de passagem. O joelho esquerdo devia vir puxado na direcção da barra, aproximando-se do outro, pois vai ser o primeiro a transportar o obstáculo. Na posição que ocupa pouco contribue para a elevação da bacia e daí provém, talvez, os sucessivos derrubes com a anca.



## Os desportos femininos na apatia

VÃO decorridos alguns anos, mas ainda conservamos na retina aquelas tardes de propaganda dos desportos femininos, quando o Pórtico enchia as bancadas e o peão do Estádio do Lima a vêr as nossas gentis atletas em luta animosa, mas leal, com as representações do sul.

Ninguém podia prever que esse entusiasmo desapareceria, que essa revoadada de praticantes deixaria o campo do desporto sem que outras — tantas ou mais — a elle descessem para abimentar a chama sagrada que as primeiras acenderam — e que é preciso manter bem vivaz, bem ardente, em crepitar esperanças. Mas não.

De um momento para o outro tudo se volatilizou, se desfez, ao sópro de uma corrente de comodismo, de falta de personalidade, caindo em apatia que confrange.

Bagotado esse bom lote de atletas, não mais se viram os campos de desporto animados pela alegria sã das nossas raparigas, não mais se proporcioneis ao público demonstrações desportivas da nossa mulher, entrando-se em desalento irritante.

E o marasma continuo, avassalador, a entorpecer os músculos, a afastar as atletas dos terrenos de jogos.

Belos tempos, os de outrora. Nomes que fizeram época, raparigas que viram o sol da glória acovariar-lhes os cabelos soltos à brisa, atletas que foram as precursoras do atletismo feminino em Portugal.

Emília Maria Corralhas, Dilia Costa, Helena Sousa Martins, Eva Pereira Leite, Ilda Costa, irmã Minemann, René Correia Pinto, Ercília Costa, Ercília Vidigal e outras representantes do Feminino, da Fêmea, do Sport, deram-nos bellissimas páginas para a história dos desportos femininos em Portugal. Algumas são ainda detentoras de «recoerda» que não foram batidos. Havia técnica, havia vontade de vencer. Era uma pugna leal que as fazia enfrentar outros nomes aureolados da capital, em luta sã, desportiva.

Que vemos hoje? Que panorama se nos despava, perante o desalento que mina as nossas praticantes?

Nem queremos focá-lo.

Não há atletismo, não há natação, não há «basket-ball», não há mesmo «ping-pong». Não há nada, absolutamente nada...

E como seria fácil fazer reviver esses belos tempos, esses saudáveis tempos, se os nossos clubes quisessem, com vontade, fazer alguma coisa pelos desportos femininos da nossa terra!

Questões? Desavonças? Amós?

Esqueçamos tudo isso. Punhámos acima de tudo o interesse nacional. É preciso melhorar as condições físicas da mulher.

Querer é poder. E os nossos clubes podem e devem querer que isso se faça. Venham até nós, apresentem sugestões. «Stadium» estará de alma e coração com tudo o que represente batalhar pela causa dos desportos femininos.

Minhas senhoras: vamos trabalhar?

MÁRIO AFONSO

## LABIRINTOS...

ESTAMOS em pleno período eleitoral nos clubes desportivos. A azáfama é grande porque os «nomes» não abundam, infelizmente, no nosso meio.

A hora a que escrevemos nada se sabe quanto aos elencos possivelmente elegíveis. No entanto, estavam anunciadas para esta semana algumas das mais importantes assembleias gerais. O Interesse deve ter sido grande, em especial na do F. C. Pórtico, dadas circunstâncias várias que não são para referir nesta local.

Esperamos que tudo tenha decorrido na mais franca união e que as futuras gerências saibam cumprir mais e melhor, a bem do desporto portuense.

Grande «alsifré» num clube de futebol, lá dos altos da cidade, com respeito ao elemento fundamental...

Há conversas que se escutam, frases que se ouvem — e no fim deve ser tudo... poeira. Mas as discussões azedam-se, por vezes,

## O ATLETISMO PORTUENSE

### Campeonatos regionais de seniores

SE o valor do atletismo portuense fôsse avaliado pelos resultados que se conseguiram nas duas fracas jornadas dos regionais de seniores, muito má seria a classificação a atribuir-lhe, pois, de maneira geral, o número de concorrentes não só foi limitado, como os «tempos» e as «marcas» obtidas estiveram longe de constituir indice de progresso.

Além disso, nos primeiros planos de quasi todas as provas estiveram atletas que podem considerar-se autênticos «veteranos» — e isto pode levar muita gente a pensar que o atletismo portuense tem os seus dias contados... Mas, na realidade, o panorama não é tão desconsolador.

Exemplifiquemos: a crise que se atravessa no momento não é mais que a consequência da péssima orientação que o nosso atletismo teve nas três últimas épocas, mercê do desinteresse dos clubes e da A. P. A., que não permitiu a criação de nova «camada» de praticantes. Não houve, por isso, o que se chama o «renovamento» da população praticante, e hoje sente-se o efeito dessa falta, como se verificou durante os recentes regionais de seniores.

Felizmente, porém, os clubes começaram este ano a trabalhar — se bem que continuam desamparados pela A. P. A. (mas a situação desta deve ser resolvida em breve) — e vimos já na pista do Lima um grupo prometedore de jovens atletas, de quem muito há a esperar. Estamos, pois, na desejada fase de «renovamento» — e isto era o essencial! Acreditamos, portanto, e a pesar de tudo, em futuro risonho para o atletismo portuense! É questão de tempo — e de vontade...

Quanto à segunda jornada dos regionais de «seniores», nada temos a acrescentar aos resultados que a imprensa diária já tornou conhecidos. E esses resultados não merecem comentários, já porque foram alcançados por atletas que não estão em idade de progredir, já porque o seu valor técnico é bastante fraco. Falamos e amparemos os «novos». Por isso serão eles que vão merecer a nossa atenção em próximas crónicas. Eles — e o estado geral do atletismo portuense.

EDUARDO SOARES

face de atitudes renitentes — admissíveis, vamos — muito embora elas possam ser contestadas.

Andam nomes no ar, em vozear que entristece. Por que será que essa «coisata» se não arruma em família, deixando-se de fazer «assembleias» nos cafés? Nunca concordámos com esse processo de crítica, que só prejudica todos: clubes, jogadores, dirigentes e associados.

Nem podem calcular o efeito pernicioso que isso tem. Essas questões devem tratar-se dentro de casa, para que só as oiça quem deve.

A questão das transferências de jogadores está na «ordem do dia». Há reforços de gente nova, rapazes que aparecem pela primeira vez, com habilidade, livres, amadores, com possibilidades de obterem successo. Alguns vêm da modalidade-mãe — o atletismo, como Carmo Pereira, o admirável atleta brarense, que vai envergar a camisola de um dos nossos mais simpáticos clubes do bairro alto.

ROBERTO AMIAL

## Associação de Futebol do Pórtico

A CABAMOS de receber o relatório e contas da gerência da A. F. P. de 1942-43, incluindo o relatório do conselho técnico e parecer do conselho fiscal e jurisdiccional.

Do relance de olhos que lançámos à sua magnífica apresentação, ficou a mais favorável das impressões. A sua disposição é excelente, demonstrando ter havido método e orientação neste trabalho.

Entre tantos números, um surge a referir o que foi o critério da direcção da A. F. P.: o saldo que apresenta, de 32.008\$37, e que passa a conta nova.

A secretaria accitou a inscrição de 1.566 jogadores, excluindo juniores, dos quais foram castigados 249, incluindo as penalidades applicadas em jogos da F. P. F. e os castigos agravados pela Direcção Geral. Gastaram-se 8.499\$00 com assistência aos jogadores, em número de 18, dois dos quais foram hospitalizados. Foi esta a época em que menos lesões traumáticas se registaram, como reflexo da acção moralizadora imposta.

O relatório apresenta os quadros das diversas competições, trata das relações da A. F. P. com diversas outras entidades, concluindo com relações e transcrições dos acordos do conselho técnico e com a transcrição dos incidentes surgidos com o Sporting Clube da Póvoa e com o F. C. Oliveira do Douro.

## Notas... sem valor

MUITO calmo, o meio desportivo portuense. Nos «mentideros» da bola discute-se apenas o problema geral das colectividades... — a modificação dos «costumes» directivos. Os principais clubes do burgo, bastante preocupados com a indicação dos nomes para o futuro elenco, já marcaram as datas das assembleias gerais. O Académico Futebol Clube convocou, para a ultima quarta-feira, a reunião dos seus associados; o Futebol Clube do Pórtico para o dia 27.

— O «céco» do nosso colega «Diário de Lisboa», sobre a personalidade desportiva de Miguel Siska, uma das glórias do nosso futebol, foi secundado por um diário desta cidade — «O Comércio do Pórtico».

O ex-guarda-rêdes do Pórtico, está internado numa enfermaria do Hospital de Santo António.

— É certa a transmissão de poderes na secção de «basket-ball» do Pórtico. Tavares da Rocha volta às fileiras de comando, pelo afastamento de Torcato. Está em boas mãos — é a pessoa mais indicada para impôr «disciplina» na turma do Pórtico.

— Com o mesmo «sistema» da época passada, preparam os «entendidos» da natação portuense um «golpe» ao Salgueiros... A «pista» da questão, já tão batida, é a «qualificação»... do nadador Carlos Silva — o nadador n.º 1 da Associação Portuense de Natação.

— Largas discordâncias na «malta» do Salgueiros, pela «imposição» de um dirigente da A. P. N. A. «formação» da representação portuense, nos campeonatos nacionais, disputados em Espinho, não caiu bem... O ponto de referência — o principal do caso — é a estafeta 4x200...

— Mais um «espectáculo bonito» passado em Matosinhos, com os 100 quilómetros do Rio Leça. O acto de indisciplina dos corredores independentes atacou o brio desportivo — fomentou a discórdia no ciclismo norteño. A delegação da União Velocipédica Portuguesa, para «salvaguardar» o seu prestigio, vai organizar o competente relatório...

— Duas novidades: Carlos Nunes, extremo-esquerdo do Futebol Clube do Pórtico, e Oscar Tellechea, interior esquerdo do Estoril-Praia,

(Conclue na pág. 10)

# O futebol na próxima época

A direcção da Federação Portuguesa de Futebol fixou as directrizes da próxima temporada oficial do popular desporto. As associações receberam em devido tempo as instruções federativas — e, dentro delas e do seu espírito, levam as necessárias indicações aos clubes da especialidade.

Antes, pois, do princípio do novo ano de provas, com uma antecedência de um mês, os clubes, as associações, a imprensa e o público ficam sabendo os moldes em que o futebol vai movimentar-se. Além do que consta das ordens emanadas da Federação de Futebol, há, porém, que contar com as disposições do regulamento recentemente publicado.

Podemos afirmar, assim, que se entrou na mais animada fase dos preparativos para a época de 1943-1944.

Mantem-se, de modo geral, a estrutura das provas oficiais, mas assentou-se, com tempo bastante, para não haver depois falhas, num programa mais completo — na prática.

A lista dos torneios oficiais é, pois, a mesma — campeonatos distritais, campeonatos nacionais da I e da II Divisão, campeonatos nacionais de juniores e, a fechar, «Taça de Portugal». Não há nenhuma inovação — e são as mesmas as bases em que assenta a sua disputa. Criam-se, no entanto, as provas de propagação — para Lisboa, Pôrto e Setúbal.

Escalonando devidamente tudo quanto se prepara, temos o que segue.

## Os campeonatos distritais

A época é fixada, desta vez, de 1 de Setembro próximo a 31 de Maio. Principia na data habitual, mas fecha um mês antes do período do desfo. Foi, portanto, reduzida de um mês, na altura em que o calor começa a apertar.

De 1 a 19 de Setembro não são permitidos desaios com entradas pagas; e os campeonatos distritais começam no indicado dia 19, de forma a permitir que o campeonato nacional possa iniciar-se em 28 de Novembro. Abrange, pois, dez domingos — 19 a 26 de Setembro; 3, 10, 17, 25 e 31 de Outubro; e 7, 14 e 21 de Novembro.

O número de domingos está bem para os campeonatos distritais com seis concorrentes. Em Setúbal, por exemplo, que tem oito clubes na primeira divisão, vai ser difícil efectuar 14 jogos em 10 domingos. Há desafios que têm de ser disputados em dias de semana, com prejuizos para receitas, que algumas vezes são escassas, mesmo aos domingos.

A proibição de jogos com entradas pagas entre 1 e 19 de Setembro anula a série habitual dos torneios B-S-B (Benfica-Sporting-Belenenses). Permite, porém, a utilização dos dois primeiros domingos do citado mês em provas de outros desportos.

Quanto aos campeonatos distritais, o princípio em 29 de Setembro respeita somente às primeiras categorias; as outras categorias (reservas e segundas) ficam com os seus campeonatos durante o período dos campeonatos nacionais. É a novidade deste ano.

## O torneio da Federação

O campeonato nacional da I Divisão tem o começo marcado para 28 de Novembro, devendo estar despachado no fim de Abril.

Há 23 domingos a aproveitar, assim descritos: 1 em Novembro, 4 em Dezembro, 5 em Janeiro, 4 em Fevereiro, 4 em Março e 5 em Abril. Há, portanto, folga bastante para desafios inter-regionais e internacionais.

O torneio deste ano deve, como na última temporada, ser disputado por dez clubes (4 de Lisboa, 2 do Pôrto, 1 de Braga, 1 de Coimbra, 1 de Setúbal e 1 do Algarve). O apuramento será feito pelas primeiras classificações nos respectivos campeonatos distritais. Mantém-se, nestas condições, a antiga fórmula de campeonato fechado aos melhores dez clubes de seis associações, na proporção do costume.

O campeonato nacional da II Divisão começa em 12 de Dezembro, sem ainda ser conhecido o número de clubes que participam na prova.

O campeonato nacional de juniores começa em 2 de Abril de 1944, já próximo do fim da época, devendo ocupar poucos domingos.

Para a «Taça de Portugal», disputada nos moldes tradicionais, estão reservados os quatro domingos de Maio de 1944. Como de costume, a temporada fecha com a final espectacular da «Taça de Portugal».

## Provas de propagação

As associações de Lisboa, Pôrto e Setúbal deverão levar a efeito provas de propagação, com clubes não filiados, em bases que a Federação indicará oportunamente, logo que estejam aprovadas ou preparadas em definitivo.

Insiste-se, pois, nos torneios para os clubes não filiados, como propagação do futebol. Abandonou-se, porém, a ideia primitiva de campeonatos desta categoria em todos os distritos. Apenas Lisboa, Pôrto e Setúbal terão essa tarefa. Dentro, todavia, do fim a atingir, seria natural e útil a generalização destes campeonatos a maior número de distritos. Esta limitação serve especialmente para marcar o valor relativo de Lisboa, Pôrto e Setúbal, em confronto com outros distritos, como núcleos em que o futebol está mais espalhado — em jogadores e clubes.

## CICLISMO

### Efeitos imediatos de um castigo extemporâneo...

O ciclismo de competição — sobretudo as corridas de pista — que parecia querer retomar o lugar de outrora, entrou, na passada sexta-feira, em mais um período de crises! E, dos muitos que o têm afligido, nos seus sessenta anos de existência, este é, talvez, o mais grave, atendendo às circunstâncias de momento.

O «caso» que provocou tal situação, conta-se em duas palavras: no último festival do Lumiar (6.º da série de organizações Iluminante-Sporting) Alberto Raposo cometeu uma falta, em plena corrida, que motivou a sua desclassificação imediata; mas a U. V. P., não contente ainda, aplicou-lhe o castigo de trinta dias de suspensão! E, claro, o seu clube protestou contra a injustificada aplicação da penalidade — a desclassificação, em corrida, era suficiente, tanto mais que o ciclista acatou prontamente a decisão do júri da prova — mas de nada lhe valeu! Resultado imediato: extinção da secção velocipedica da Iluminante, e, em consequência, um festival — que estava para fazer-se no pretérito domingo — prejudicado pelo adiamento «sine die».

Não têm razão os senhores da U. V. P.! Não têm razão na aplicação do castigo! Bastava a eliminação da corrida — com a perda de direito a quaisquer prémios. Mas tem-se visto tanta coisa — nestas «coisas» do ciclismo...

Voltaremos ao assunto, no próximo número, explicando por que não têm razão os senhores da U. V. P. — e que se trata de uma «questão técnica» — que convém esclarecer.

## XADREZ

Direcção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

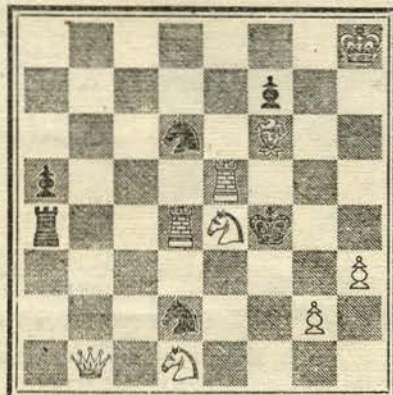
Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa Redacção, com a referência «Xadrez»

Por lamentável confusão tipográfica, safu errada a posição do problema, que publicamos hoje novamente, esperando que a benevolência dos nossos presados leitores nos perdoe o lapso verificado.

### PROBLEMA N.º 5

II Problema, 1939

A. Chicco



1.º prêmio

Mate em 2 lances

### PROBLEMA N.º 3

Este problema foi também resolvido pelo sr. Fernando Silva, de Ponta Delgada

## Torneio Principal do Pôrto

Organizado pela Federação Portuguesa de Xadrez, com a coadjuvação imprescindível do Grupo de Xadrez do Pôrto, disputou-se recentemente o campeonato daquela cidade, que terminou com a vitória sensacional de João Ribeiro, de 14 anos de idade.

Não estamos habilitados a fazer comentários.

A verdade é que, sejam quais forem as razões que arrastaram Leonel Pias, Gencsi Dezsó e Américo Martins para posições tão modestas, a proeza do jovem campeão portuense é notável e oportuna, sob o ponto de vista do estímulo. Dos restantes, só nos é lícito assinalar a brilhante recuperação de Alexandre Gonçalves, na última volta, e a desistência, a meio da prova, de Américo Martins, campeão do Pôrto no ano passado.

A classificação final foi a seguinte:

1.º — João M. Ribeiro, com 9 pontos; 2.º — Alexandre Gonçalves, 8 1/2; 3.º — Leonel Pias, 7 1/2; 4.º — Augusto Faria, 6; 5.º — Gencsi Dezsó, 4; 6.º — Américo Martins, 3 1/2; e 7.º — José Aristides, 3.

## Torneio de Monte Estoril

A fim de ser possível categorizar os xadrezistas de Monte Estoril, o Grupo local fez disputar um interessante Torneio, que redniu 17 inscrições, entre as quais figuravam as dos mais destacados jogadores da região.

Classificou-se em 1.º lugar, ganhando todas as partidas (32), o amador, de nacionalidade espanhola, Frederico Lasvignes — boa intuição xadrezista, que é uma «promessa», mas que, no entanto, luta ainda com a falta de prática. Em 2.º, com 30 pontos, classificou-se o dr. Butzel, que ingressou na 1.ª categoria, por ter conseguido a percentagem requerida.

O conhecido futebolista Franjo Petrack tomou parte na competição, ficando classificado na 2.ª categoria, com boa pontuação.

Eis um exemplo a seguir.

## Educação Física e Desportos

Da casa de edições Conto Martins receberam um pequeno livro, intitulado «Educação Física e Desportos», que inclui, na íntegra, os decretos 32.921 e 32.926, anteccedidos de judiciosos comentários do nosso colaborador dr. Salazar Carreira — de muita utilidade para todos os desportistas.

Os nossos agradecimentos.

## CASA DESPORTO

ABRE HOJE, ÀS 17 HORAS,  
E OS SEUS PROPRIETÁRIOS  
CONVIDAM OS DESPORTISTAS  
E O PÚBLICO EM GERAL  
— A VISITÁ-LA NA —

RUA DA MADALENA, 196



### A Taça "Não a levarás contigo"

está sendo rija-  
mente disputada

ENTRE os vários divertimentos que compõem a «Feira dos Saldos», organização do diário portuense «Jornal de Notícias», um sobressal, pela característica que oferece, como meio de propaganda do «basket-ball».

Em plena Avenida das Tílias está situado um retângulo de terreno, no qual os desportistas portuenses disputam com frenesi uma taça monumental, cuja foto publicamos, de caprichosa feitura, digna de figurar nos armários de qualquer clube.

Esta taça, disputada por votos, será ganha pelo clube que, à uma hora da madrugada do último dia em que a «Feira» funcionar, mais pontos tiver obtido. Esses pontos são conquistados pelo número de bilhetes adquiridos para os lançamentos ao cesto.

A luta pela obtenção do primeiro lugar tem sido extraordinária, tornando-se animosa entre os admiradores do Vasco da Gama e do Benfica, os quais, ora um, ora outro, se alternam na cabeça da posição. Bandeiras dos três clubs mais classificados indicam, pela sua maior ou menor elevação, qual o clube que vai à frente.

No intuito de entusiasmar os contendores, a organização da taça oferece ao clube que estiver em n.º 1 na classificação, à uma hora da noite de 5 para 6 do corrente, 50 votos, que irão, assim, engrossar aqueles que esse clube contar.

É bem de ver que mesmo com a bilheteira fechada pode aparecer um jogador que, tendo adquirido votos antes do seu encerramento, os lance na urna no último minuto, alterando, desta forma, a posição dos clubs. É licito isso — porque é o que se pode chamar «uma jogada de recurso»...



Baptista Pereira, campeão dos 1.500 metros



Mendes da Silva, que venceu S Marques



L. Conceição, a melhor revelação da provincia



A representação de Coimbra



O delegado da D. G. D. entrega uma medalha a Rosa Lopes



A equipa do Algés, vencedora dos 4 x 400



A representação de Aveiro



Três figuras da natação portuguesa: Ilda Raposo, Maria Bastos Basto e Rosa Lopes

# As provas maximas da natação portuguesa



## AGOSTINHO GUEDES

O SIMPÁTICO E VALOROSO CAMPEÃO DE PORTUGAL DOS MEIOS PESADOS, QUE NA PRÓXIMA 2.ª FEIRA VOLTA A APRESENTAR-SE AO PÚBLICO DE LISBOA, DEFRONTANDO, NO ESTÁDIO MAYER, O CAMPEÃO DA CATALUNHA, FURNÉ

Os jovens "boxeurs" moçambicanos na sua recente visita à nossa redacção, na qual foram acompanhados pelo seu "manager", sr. Palma Mira



No cais do embarque, Fernando Adrião e Alberto Faria vêem-se rodeados por numeroso grupo de amigos



Os concorrentes aos campeonatos de natação da Federação Nacional para Alegria no Trabalho





## Os campeonatos da Figueira da Foz e das Caldas da Rainha

A digressão que alguns tenistas iniciaram nos primeiros dias do mês passado terminou nos princípios da semana finda. Durante cerca de vinte dias alguns dos melhores jogadores de Lisboa e Porto mantiveram actividade quasi permanente, exibindo-se sucessivamente na Curia, no Luso e, por fim, na Figueira da Foz.

Os torneios desta localidade têm já tradição, pois, de há bastantes anos a esta parte, occupam sempre o mês de Agosto.

Se a propaganda da modalidade nada beneficia da efectivação destes campeonatos, já o mesmo não pode dizer-se do intercambio entre tenistas de Lisboa e Porto, uma vez que de outros centros desportivos elles não surgem.

Este ano a «caravana» manteve-se mais unida do que nas épocas anteriores, ainda que do Luso para a Figueira alguns elementos se tenham desagregado. A impressão dominante é que a sã camaradagem, que sempre reinou entre os tenistas, criou mais fundas raízes.

E a actividade não ficará por aqui. Para os nortenhos haverá os campeonatos das Pedras Salgadas. Para os do sul haverá competições no Estoril, na Costa da Caparica e em Santo Amaro de Oeiras, estando ainda previsto o torneio da praia da Rocha.

A persistência do Tênis Clube da Figueira da Foz, vencendo todas as dificuldades (que os tempos não correm de feição para o ténis) para que os seus campeonatos não sofram interrupções — é digno de louvor.

Este ano, como acontecera em 1942, as inscrições não foram muito numerosas, nem entre elas figurou qualquer nome de primeiro plano. Mas os organizadores não desistiram por esse motivo — e isso é que é de salientar, porquanto o que importa é não deixar «morrer» a competição.

E o seu esforço teve compensação, visto que os torneios se revestiram de grande interesse e animação, devido ao equilibrio de valores e ao entusiasmo de que os concorrentes deram boas provas.

José Trigo da Silva, o esperançoso jogador lisboeta, representante do Clube Internacional de Futebol, creditou-se de uma proeza que estava a tornar-se rara no nosso meio tenístico: foi vencedor das três provas disputadas (singulares, pares-homens e pares-mistos). Isto equivale a dizer que José da Silva foi a figura saliente dos campeonatos. Crêmos que alcançou a sua melhor forma de sempre, merecendo referência especial a vitória alcançada sobre o campeão do Porto, A. Hardy Júnior, ao mesmo tempo desforça do desaire sofrido na Curia, na competição inter-clubes.

Depois do vencedor absoluto, salientou-se Fernando Frade — outro junior. Foi finalista de «singulares» e vencedor de «pares-homens». Anote-se que o resultado da final (2/6, 2/6) está longe de corresponder ao desenrolar da luta, pois Frade deu réplica da melhor.

A vitória de ambos em «doubles» não é mais do que a justificação do seu título de campeões de Portugal.

Os desportistas das Caldas da Rainha forneceram, finalmente, uma demonstração de interesse pela modalidade. Já não era sem tempo!

Que nos lembre, é esta a primeira iniciativa de certo vulto que ali se leva a bom termo. Folgamos com o facto, pois não se compreendia que as aprazíveis terras, dispondo de dois bons «courts», além de outras condições favoráveis para a efectivação de provas desta natureza, não tivessem ainda evidenciado interesse pelo ténis.

Os campeonatos de 1943 podem constituir ponto de partida para outras organizações de maior importância. Pela maneira como as provas se têm desenrolado até o momento

## OS 24 ANOS DO NACIONAL DE NATAÇÃO

FORAM COMEMORADOS COM BRILHANTISMO

Sob o patrocínio da «STADIUM»

As festas comemorativas do XXIV aniversário do Clube Nacional de Natação, efectuadas com o patrocínio da «Stadium», cumpriram-se inteiramente durante a última semana e tiveram, no passado domingo, o seu epílogo.

O Nacional continua marchando e passos firmes na estrada do progresso, mantendo sem desfalecimentos o programa que se impõe levar a cabo.

A expansão, o prestígio e a amplitude das suas actividades, são cada vez maiores. E o Nacional entra, confiante, no ano das suas bodas de prata.

## Apresentação das escolas de 1943

Eleva-se a 350 o número de sócios do Nacional que este ano receberam instrução de natação pela primeira vez.

Uma boa percentagem deles (cerca de meia centena) estão já em condições de se apresentarem em público e, assim, exhibiram-se na quarta-feira passada, no decorrer de um festival a isso destinado — o festival de apresentação das escolas de 1943.

A sua primeira exhibição em público foi uma demonstração eloquente da maneira proficua como se trabalha no clube da rua de S. Bento. Absolutamente familiarizados com o «bruços», ou com o «erwals», muitos foram os que revelaram qualidades apreciáveis que, com alguns anos de trabalho, transformarão em campeões os iniciados de agora.

Registemos, entretanto, os nomes dos vencedores, que devem tomar os seus triunfos apenas como estímulo e incentivo para trabalhar mais e melhor...

33 metros-bruços, rapazes até 15 anos — Mário Santos, 30 s. 7/10  
 33 metros-livres, rapazes até 15 anos — Isidro Lopes dos Santos, 25 s. 7/10  
 33 metros-bruços, senhoras — Justina Parreira, 38 s. 7/10  
 33 metros-livres, homens com mais de 21 anos — Augusto Estudante, 33 s.  
 33 metros-livres, rapazes dos 15 aos 21 anos — Manuel Freire, 30 s.  
 33 metros-bruços, rapazes dos 15 aos 21 anos — Rufino Brito, 33 s. 7/10  
 16 metros-livres, senhoras — Maria de Lourdes, 15 s. 7/10

Completaram o programa diversas provas entre nadadores representativos do clube.

## Inauguração da secção de campismo

O parque desportivo do Clube Nacional de Natação oferecia, na noite de sábado, um aspecto inédito. Inaugurava-se a secção de campismo, iniciativa interessantíssima de um

## «Stadium» na capital do Norte

(Conclusão da pág. 6)

têm «ofertas» do Famacão... É muito possível o reaparecimento na turma de Rebelo Mesquita.

— Mudou de «ares», de Leixões para o Académico, Gencsi — um húngaro muito simpático aos clubes do Norte. O Clube do Lima, dispensou, portanto, o antigo defesa Albertino Andrade. Será mais feliz? O Académico tem tido pouca «chance»...

— A saída do «chefe» Alberto, da A. P. A., antes dos nacionais, quebrou o ritmo das organizações de atletismo. O seu compromisso desportivo, com uma entidade do Norte, foi satisfeito — deu cumprimento integral da sua missão. Tudo que dizem por aí, sem conhecimento de causa, é «poeira»...

em que escrevemos, tudo leva a crer que a semente caiu em boa terra.

De desejar, portanto, que os caldenses se entusiasmem e no próximo ano não fiquem atrás das outras localidades que, com menos condições de êxito, mantêm regularmente os seus torneios anuais.

DRIVE

grupo de sócios, à frente dos quais se encontram Alfredo da Silva, Alfredo Sarmento, José Manuel Nazaré e Fernando Moraes.

No campo de «basket» armaram-se nove barracas, providas de todo o material. Ao centro, o fogo de conselho, a «Chama Inquietas», como os rapazes lhe chamaram.

Um pomeron a registar: a assistência, bastante numerosa — cerca de noventa e duas pessoas.

Depois de algumas palavras de Gustavo Pereira da Costa, alusivas à inauguração da secção de campismo, Fernando Sá, nosso prezado camarada de redacção, proferiu a sua interessante palestra, onde mostrou, em síntese, as virtudes desse belo desporto que é o campismo, os benefícios que colhem os seus praticantes e, até, o seu aspecto educativo e cultural. Fernando Sá foi, terminadas as suas palavras, muito aplaudido.

Em seguida, os componentes da secção de campismo, que são já cerca de vinte e cinco, entretiveram a numerosa assistência com interessantes canções e engraçadas anedotas. E depois lá ficaram, toda a noite, acampados de sábado para domingo.

A secção de campismo do Clube Nacional de Natação, «sonho» de ontem, é hoje uma realidade. E agora irá prosperar e desenvolver-se...

## Festival de natação inter-sócios

Num festival como este, de domingo último, o aspecto competição tem, para a crítica, interesse secundário. Por isso cumpre-nos salientar, primeiro, a quantidade de nadadores apresentados, atestado insosfismável do trabalho em profundidade que no Nacional, especialmente há dois anos a esta parte, se está realizando.

Depois, o «estilo» correcto, ou com tendências nítidas para tal, que a maioria dos nadadores exhibiu.

Referências individuais, permitam-nos uma só, a Anibal Martins, pela sua prova nos 100 metros-bruços. Vitória bonita, sob todos os pontos de vista. Anibal Martins tem estôfo para ser um nadador de «bruços». Há só, pois, que continuar a trabalhar com método.

Em quasi todas as provas houve necessidade de fazer várias séries, pelo avultado número de concorrentes, apurando-se, pelos melhores «tempos» obtidos, os vencedores, cuja lista é a seguinte:

33 metros-bruços, rapazes até 15 anos — Carlos Campaella, 27 s.  
 33 metros-costas, rapazes até 15 anos — Alberto Sá Borges, 31 s.  
 33 metros-livres, rapazes até 15 anos — Isidro Lopes, 24 s.  
 66 metros-bruços, rapazes com mais de 15 anos — António Neto, 1 m. 5 s. 7/10  
 66 metros-costas, rapazes com mais de 15 anos — Carlos Marques, 1 m. 1 s.  
 66 metros-livres, rapazes com mais de 15 anos — José Carrazo, 51 s. 7/10  
 100 metros-bruços, inserção livre — Anibal Martins, 1 m. 29 s.  
 33 metros-costas, senhoras — Maria Esmeralda dos Santos Silva, 49 s. 7/10

E assim acabaram as festas comemorativas do XXIV aniversário do Clube Nacional de Natação, a que «Stadium» teve a honra de dar o seu patrocínio, com efusivas felicitações ao prestimoso e simpático clube.

ABREU TORRES

## Semana da Vela

A partir de amanhã e até domingo, disputam-se, no percurso Pedrouços — Cascais, as regatas integradas na Semana da Vela, organizadas pelo Sport Algés e Dafunção e Associação Desportiva da Brigada Naval, com a colaboração do Clube Naval de Cascais.

Estas regatas, que em 1942 despertaram o maior entusiasmo e viro interesse, estão também destinadas este ano a successo idêntico.

Nos dias 2, 3 e 4 far-se-ão provas nas classes «stars», «sharpies» do 12 e 6'00 e «yachts». No dia 5 — para encerramento do concurso da Semana da Vela — realizar-se-ão as provas finais das classes anteriormente indicadas e «yacht» de cruzeiro e meio cruzeiro.

**E** deveras reconfortante para nós, que há tantos anos batalhamos pela causa da educação física, assinalar a publicação do importante diploma que passa a regulamentar todas as actividades dependentes da Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar.

Pela primeira vez no nosso país entra-se no campo das realizações práticas nestes três departamentos da vida nacional, com perfeito sincronismo de esforços de orientação única, técnica e educativa.

Numa visão superior e inteligente do problema da educação física nacional, acabam de ser delineados os quadros orgânicos que hão-de permitir, por métodos racionais e em bases técnicas, o desenvolvimento físico e a melhoria de carácter da população portuguesa.

A iniciativa particular que—justo é salientá-lo—muito tem contribuído, através das práticas desportivas e dos cursos de ginástica, para a valorização física da nossa juventude, encontra agora o apoio forte, esclarecido e impulsionador, do elemento oficial. Rasgam-se novos horizontes à educação física, que assume cada vez mais aspecto colectivo, de interferência crescente nos vários sectores da comunidade portuguesa. Assiste-se, por assim dizer, a sucessivo ajustamento da educação física aos múltiplos problemas da vida social.

A formação de homens saudáveis, de carácter íntegro e consciência recta; o aumento da capacidade de trabalhar e de produzir; a alegria de viver, fonte inebriante da energia criadora; a disciplina social, que multiplica os

esforços individuais; e a robustez física da mulher portuguesa, penhor precioso da nossa valorização rânica—são, entre outros, altos objectivos nacionais que muito dependem da educação física amplamente organizada em sólidos fundamentos técnicos e científicos.

Está dado o primeiro passo para a realização desse vasto programa e daí o natural regozijo que transparece nos meios técnicos da educação física, ao verificar-se a clara compreensão que hoje se tem dos exercícios físicos educativos e do papel importante que eles devem desempenhar na consecução dos fins superiores da educação nacional.

O notável diploma agora publicado opera verdadeira transformação técnica no desporto português, há muito solicitada pelos vários sectores da opinião pública.

Ensamam-se princípios orientadores e disciplinadores, de que largo proveito colherá a juventude desportista. Dá-se o devido relevo à colaboração médico-pedagógica, através da higiene escolar e da medicina desportiva. Procura-se, com firmeza, imprimir benéfica unidade de acção educativa, condição indispensável para a eficiência e progresso da educação física. Tomam-se, ainda, medidas cautelosas, que visam prestigiar o professorado deste ramo de ensino, rodeando-se, assim, a actividade pedagógica das necessárias garantias.

Dêste modo, o critério mais ou menos empírico com que eram impulsionadas muitas das modalidades desportivas, cede lugar à orientação superior, dotada de organização específica, onde aparecem já os órgãos de estudo, informação e inspecção, reclamados, com insistência, pelos meios técnicos da educação física.

A nova regulamentação respeita, e muito bem, os actuais elementos organizados da nossa actividade desportiva. Considera mesmo útil aproveitá-los, em completa combinação de esforços, desde que os interesses individuais ou clubistas não entrem—antes favoreçam—os interesses superiores da nação.

O progresso da educação física não depende só da técnica e dos métodos pedagógicos. Há outras questões importantes a considerar, como seja o máximo aproveitamento dos homens de iniciativa e de boa vontade, consagrados à causa do robustecimento da juventude.

Os nossos dirigentes desportivos terão assim, de futuro, a melhor das oportunidades de contribuírem para o engrandecimento pátrio, através da sua acção organizadora.

Por outro lado, a ginástica, que até à data não tem desfrutado da mesma aura do desporto, nem como este tem colhido os múltiplos favores do público entusiasta, passa a conhecer desenvolvimento jamais atingido no nosso país, em íntima e harmónica cooperação com as actividades desportivas, dentro do critério racional de que a educação física da juventude terá de fazer-se, antes de tudo, por meio dos métodos da ginástica.

Subordinada a estas idéias fundamentais, a organização nascente constitue valiosa contribuição do Estado para o levantamento físico da população portuguesa. A prática dos exercícios físicos, devidamente enquadrada, atingirá, sem dúvida, larga expansão—e Portugal encontrará, assim, os rumos que o conduzirão a par das nações mais robustas e progressivas, onde a educação física adquiriu já estrutura técnica científica, de alto relevo educativo.

A. SILVA VIANA

**A**NTES do período de férias efectuou-se uma importante reunião do Comité Olímpico Português, a que assistiu, já restabelecido de grave doença, o sr. Álvaro Frade.

Estiveram presentes os srs. dr. José Pontes, presidente do C. O. P., dr. Cesar de Melo, engenheiro Nobre Guedes, general Manuel Latino, dr. Anibal Alto Mearim, Mário de Noronha, engenheiro Ernesto Basto, João Formosinho, Martinho Gonçalves, Vasco Ribeiro e Francisco Duarte.

O Comité Português apreciou, nos seus diversos aspectos, assuntos de actualidade desportiva, tanto nacional como internacional, tomando conhecimento da evolução da actividade da vida desportiva portuguesa.

Sobre a reunião de Lausana, no próximo ano, foi em princípio estudada a possível representação portuguesa. Por comunicações recebidas no C. O. P., verifica-se que a esgrima e o hipismo continuam sendo desportos de muita predilecção internacional.

Na reunião foram apreciadas as últimas informações do Comité Internacional e do Comité Olímpico Inglês, salientando-se que este nada decidiu ainda sobre o adiamento dos Jogos Olímpicos de 1944, que continuam porisso marcados para Londres.

O cargo de secretário do Comité Português é agora desempenhado pelo sr. Martinho Gonçalves, por doença do secretário efectivo.

## ATLETISMO

(Conclusão da pág. 3)

pertence sequer aos programas da categoria; perante este critério nada impede que se proceda amanhã da mesma maneira para qualquer aglomerado de distâncias que o capricho de um dirigente possa inventar. Também nada credita a oficialização dos 3 x 1000 metros, bastando a de 4 x 1000 metros, visto ser de quatro o agrupado internacionalmente estabelecido e o quilómetro a unidade superior do nosso sistema de distâncias.

Estando em maré de inovações, deixamos já alvitrado, para quando for actualizado o regulamento vigente, que se lhe adicionem também as duas estafetas mixtas, conhecidas por sueca e olímpica, as quais são na realidade provas interessantes e úteis.

A observação da tabela oficial agora distribuída torna patente o aperfeiçoamento verificado na preparação dos nossos atletas no decurso dos últimos quatro anos; na lista de júniores, por exemplo, apenas o «record» do salto em comprimento ultrapassa esse limite de duração, pois foi estabelecido em 1936.

São em número de 106 os resultados incluídos na tabela, 62% dos quais vêm datados das quatro últimas épocas; esta percentagem varia conforme as categorias e estabelece-se por 39% para os académicos, 57% para os seniores, 95% para os júniores e 84% para os femininos.

Aparecem ainda na lista seis marcas com cabelos brancos, anteriores a 1915, mas pertencem todas aos saltos sem balanço, que deixaram de aparecer nos programas nacionais. Figuram também seis «records» com dois detentores, mas desapareceram finalmente aquele resultado dos 150 metros, júniores, que era o «record» de toda a gente e foi finalmente derubado em 1942 por Sampaio Peixoto. Houve, portanto, precipitação quando este ano, no estádio do Lima, se anunciou que fóra mais uma vez igualado.

Na distribuição pelos clubes, o Benfica leva considerável vantagem: pertencem-lhe 28 «records»; e 18 ao Sporting, 8 ao Internacional, 7 ao Académico, 6 ao Belenenses, 2 ao Feminino e ao Fémina, 1 ao Sport do Porto, Ateneu, Almadense, Cruz Quebrada, Estréla e Vigorosa e Vendedores de Jornais.

Claro que estes dados ficam sujeitos às rectificações correspondentes aos resultados já melhorados no decurso da época.

## O desporto em Setúbal

### Um festival de natação na doca de recreio

### A expansão do ténis

**O** Clube Naval Setubalense é um clube em franca actividade, na prática e propagação dos desportos náuticos. Este ano, depois de uma temporada em que voltou a alinhar com as suas equipas de remo, tornou a interessar-se pela natação. Com o objectivo de estimular a actividade dos clubes locais, organizou, no penúltimo domingo, um festival de natação na doca de recreio, perto do seu pósto náutico.

As provas de natação deu especial relevo a valiosa cooperação do Sport Algés e Dafundo, que deslocou para Setúbal uma equipa com cerca de 40 representantes do antigo e prestimoso clube da capital. O Clube Nacional de Natação animou também algumas provas, mas exibiu-se melhor numa série curiosa e útil de exercícios de salvamento. Os nadadores do Nacional fizeram uma demonstração completa e brilhante de vários métodos de salvamento e mostraram-se exímios na execução de todos eles. Não basta saber nadar—convém saber também aplicar a natação ao salvamento de naufragos.

Como resultado da visita do Sport Algés Dafundo, em relação ao futuro, ficou a escolha de um dos seus nadadores, Armando Moitinho de Almeida, para treinador de natação do Clube Naval Setubalense. Os nadadores do Naval bateram-se valorosamente com uma equipa da Casa do Pessoal da Secil, aparecendo gente nova com excelentes recursos para a prática da natação. Estamos por isso convencidos de que a natação vai ressurgir em Setúbal, a recordar as proezas de Faustino José Santana, Alfredo Pereira, Duarte Catalão e de tantos outros que ilustraram, com o seu valor, o desporto setubalense.

O União Comércio e Indústria, de Setúbal, enviou a sua equipa de ténis a Algés, para jogar o segundo «match» amigável com o Sport Algés e Dafundo. Com os resultados de domingo ficou definitivamente em poder do Sport Algés Dafundo a taça «Algés-Indústria».

... FLECHA ...

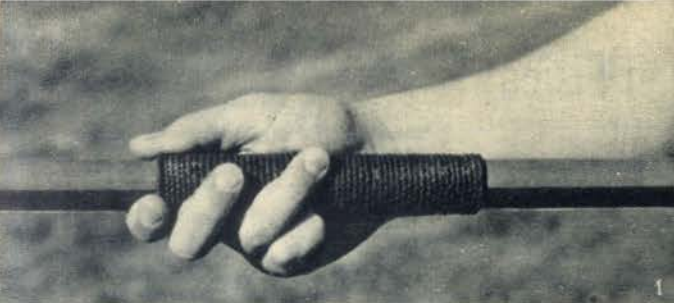


A melhor bicicleta

Salão de Exp. e Vendas:

L. do Intendente—LISBOA

# A técnica de um "recordman" O português Antonio Cadete e os seus lançamentos de dardo



**C**ADETE principiou cedo a sua carreira de atleta: com 15 anos apenas. Correu — e em 85 barreiras chegou a ser recordman nacional; saltou — e na vara fez resultados interessantes; lançou — pêso, disco e dardo, acabando por especializar-se neste último.

Foram seus treinadores Roberto Machado e o alemão Schmidt, este o melhor técnico estrangeiro que até hoje esteve entre nós e que lhe deu a conhecer os mais modernos conceitos técnicos do lançamento do dardo.

Envergando sempre a camisola do Académico, Cadete foi campeão nacional pela primeira vez em 1932, com 47, m 27; em 1933 com 49, m 35; em 1936 com 45, m 51; em 1937 com 50, m 88 (novo record nacional, pertencendo o anterior a José Garnel Júnior, do Sporting, 49, m 66); em 1938 com 47, m 58; e em 1940 com 50, m 59. Na presente época melhorou o seu próprio record, com a «marca» de 50, m 98.

Trata-se, na verdade, de uma lista impressionante de resultados valiosos, que dizem bem da classe do atleta que vai servir de modelo nesta lição de técnica.

O leitor encontrará nesta página o estudo de pormenores essenciais no lançamento do dardo. O nosso objectivo pode resumir-se desta forma: procura-se ensinar a conhecer o «alfabeto»; ao treinador, por sua vez, caberá o papel de levar o aluno a fazer a coordenação das letras... O que apresentamos são os pormenores essenciais do lançamento; falta agora saber ligá-los — mas isso compete aos treinadores, e só se consegue com longa prática e estudo aturado.

**AS GRAVURAS: N.º 1** — Nesta gravura mostra-se a maneira de segurar o dardo que deve apoiar-se sempre de forma a ficar ao centro da mão. Os dedos indíex e polegar seguram junto e atrás da braçadeira de corda, e ao mesmo tempo coloca-se o dedo mínimo debaixo do dardo — para que este não oscile — enquanto que os restantes dedos se flectem naturalmente.

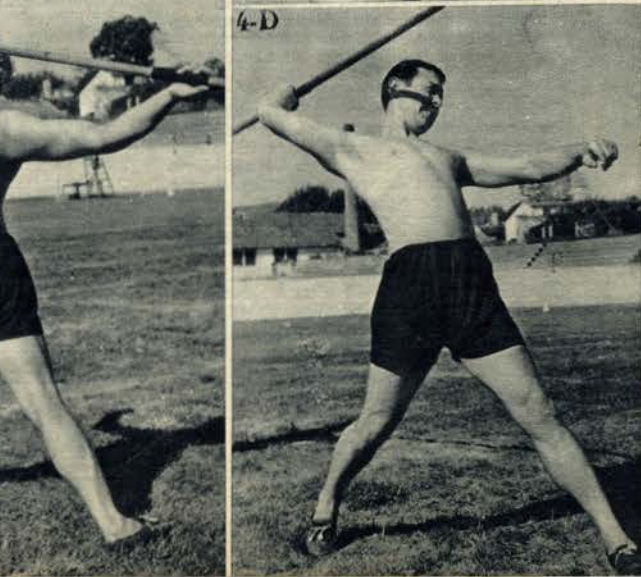
O dardo deve agarrar-se com firmeza, mas sem contracções.

**N.º 2** — Temos agora a posição para a corrida preparatória: o dardo é colocado por cima da cabeça, com a ponteira inclinada no mesmo plano do queixo. Notar que, lá nesta altura, a mão faz pelo pulso uma torção para dentro, para que as trajetórias sejam bem acentuadas.

**N.º 3** — Depois temos a corrida de 25 metros, feita em velocidade profissional até junto da marca dos «passos cruzados». (Chama-se «passos cruzados» aos três passos que antecedem a «despedida» do dardo, que se executam com o cruzamento das pernas na distância aproximada de 3 comprimentos de dardo, ou seja 7,80 metros.) Estas pernas devem estar com o tronco inclinado para o lado da fora, com energia e rapidez, e sem perder a verticalidade da corrida. A gravura apresenta-nos o lançador ao executar o primeiro passo, com o tronco inclinado para fora, o braço que segura o dardo estendido para trás e pouco flexido — sem contracção. Reparar que a ponteira fica à altura dos olhos.

**N.ºs 4-A, 4-B, 4-C e 4-D** — Chegámos ao último passo, que deve ser largo, e durante o qual se executa o movimento final do lançamento, aqui decomposto nestas 4 gravuras: — 1.º, o cotovelo é puzado à altura do ombro (posição vista pela frente e pelas costas); 2.º — o braço é levado a fazer ângulo de recto; 3.º — chegou-se ao momento de projecção — o cotovelo sobe ao mesmo tempo que se executa a rotação do tronco, rotação esta que é acompanhada pela anca, para o lado do lançamento.

Eduardo Soares



# Um grupo de onze irmãos desportistas praticantes de modalidades idênticas no mesmo clube

O caso não é vulgar entre nós, nem, afigura-se-nos, em parte alguma do globo terráqueo! E, contudo, há exceções... Recorda-nos, por exemplo, que há anos, na Bélgica, em Antuerpia, se não estamos em erro, houve um "team", de futebol constituído somente por irmãos; e em Chaux-de-Fonds, na Suíça, existiu também um grupo de "basket-ball", de irmãos — quando as equipas dêste desporto eram formadas por cinco praticantes... Em Portugal sabemos que houve uma tripulação de "out-riggers", de 4 (crêmos que no Barreiro) na qual os cinco remadores — incluía-se o próprio timoneiro! — eram todos irmãos! Mas êstes casos de irmandade desportiva não são vulgares aqui, como lá fora. Há, sim, quando muito, duas ou três pessoas da mesma família a praticar desporto, uns no mesmo clube e modalidade, outros em clubes e modalidades diferentes! E é êste o "caso", bem simples, afinal, que vamos apresentar, aqui. Diga-se, desde já, que não se trata de *onze irmãos comuns*, mas sim de quatro famílias distintas (as dos Serpas, Sousas, Tibúrcios e Gomes) e de uma só verdadeira: — a do Futebol Benfica...

Os outros casos, que chamaremos "isolados", de dois ou três irmãos, êsses são vulgaríssimos em tôda a parte do Mundo! E em Portugal também. Citem-se, ao acaso, os falecidos Stromps — atletas e futebolistas do Sporting; os Rios (Alberto e Joaquim), no Belenenses; os "Batatas" (Artur e Alberto), no Benfica; os Bessonnes (uma senhora e um rapaz, filhos do amigo Rodrigo, um veteração da natção), êstes agora, como outrora e sempre seu pai, no Algés; e ainda os Belos — que são excelentes velejadores. Já Quantos mais! São tantos... E havia ainda as três irmãs Ramos, de Maceira; os Pratas de Lima, dois bons "sprinters", do Académico; os Gralhas (José Maria e Álvaro), no Casa Pia A. C.; os Canutos (Júlio e Carlos), no Império — o último, mais tarde, esteio do desaparecido Carevelinhos; os Espiritos Santos (que são três...) no Benfica! E outros mais — que a lista é longa e não pode figurar, tôda ela, numa simples reportagem de ocasião.

Mas êste "caso" é outro e merece apontar-se, pela circunstância especial de serem 11 irmãos — embora de famílias diferentes... — a praticarem as mesmíssimas modalidades — o "hockey" (em campo — e alguns dêles também em patins) — no mesmo clube. Ora isto é que nos parece não ser vulgar! E no "hockey" não há, realmente, nada que se lhe compare.

Êstes 11 irmãos benfiquenses descendem — como já se disse — de qua-



Os Sousas



Os Tibúrcios



Os Gomes



tro famílias. Os que praticam ambas as modalidades — "hockey", em campo e em patins — estão, por consequência, na "mô de cima", como diria um nosso distinto e estimado camarada e colaborador; são êles: dois dos três Serpas (Olivério e Sidónio, internacionais dêste desporto), os Sousas (José Eugénio e Carlos Alberto), e os Gomes (José e Carlos).

Vejam-se, porém, quais são e o que têm sido na vida desportiva êstes 11 irmãos:

Os Serpas figuram em primeiro plano — porque são mais conhecidos e de maior representação. Olivério e Sidónio, internacionais de "hockey", e o primeiro também em remo — o único português que vestiu a camisola nacional em representação de três modalidades diferentes! — defrontaram equipas da Alemanha, Bélgica, França, Espanha, Inglaterra, Itália e Suíça e foram várias vezes ao estrangeiro. Rudolfo, êsse, limita-se a jogar por cá; esteve à beira de ser selecionado contra Espanha, mas foi-se-lhe a ilusão... É, contudo, campeão nacional e de Lisboa.

Os Sousas tiveram, todos três, a honra da seleção pelo "team" lisbonense — e José Eugénio foi capitão da maior parte das equipas da cidade, em "hockey" em campo, tendo jogado em Vigo, contra a Espanha, e, no nosso país, contra Madrid, Pôrto e Setubal. Carlos Alberto jogou também contra Madrid e Pôrto. E Humberto contra Madrid, Pôrto e Setubal. Fazem parte do "team", de honra do clube (como Rudolfo e Olivério Serpa) que conquistou os dois campeonatos nacionais de "hockey", em campo.

Os Tibúrcios (António, Manuel e Rui) — são os mais modestos dêste quarteto de irmãos! Mas são, isso sim, amigos do clube — e não querem conhecer outro "jersey"... Jogam nas categorias inferiores — mas nem por isso deixam de ser considerados e desportistas de bom quilate. Todos três só praticam "hockey", em campo.

Os Gomes são, ambos, jogadores das duas modalidades. José é o substituto de Adrião, o "keeper" em que os benfiquenses mais confiança depositam. Também pratica luta greco-romana e gymnástica — mas no Ginásio C. P. Fez parte da equipa que em Abril se exibiu em Madrid.

Em síntese: Olivério e Sidónio Serpa são campeões de Portugal e internacionais, em "hockey" em patins, e o primeiro igualmente em "hockey" em campo e em remo; José Eugénio é internacional em "hockey" em campo e Carlos Gomes em gymnástica. Todos êles são campeões de Lisboa — todos do onze... — uns em primeiras e outros em reserva, no "hockey" em campo, porque o Futebol Benfica parece ter tirado "assinatura", naquela modalidade! E no "hockey" em patins são campeões nacionais: Olivério, Sidónio e Carlos Alberto.

Êstes onze desportistas reuniram-se num "team" que defrontou e derrotou uma equipa do clube, na festa em honra de Adrião. Era um grupo de irmãos e de verdadeiros campeões: era e há-de continuar a ser, para bem do desporto e glória do Futebol Benfica, uma colectividade que tem feito a melhor propaganda das duas modalidades do "hockey".

## A homenagem do Futebol Benfica

a Fernando Adrião

e a «Noite do Voluntário da Ajuda»

foram as mais importantes organizações de patinagem de última semana

TRÊS guarda-rédes de «hockey» em patins seguiram para as colónias no decorrer da última semana. Foram eles: Fernando Lagrange, do Dramático de Cascais; Alberto Faria, do Ateneu Comercial; e Fernando Adrião, do Futebol Benfica.

O Ateneu Comercial havia já prestado homenagem ao seu representante. Faltava o Futebol Benfica. E a festa em honra de Adrião foi altamente significativa, de grande manifestação de apreço pelas qualidades do atleta — como havia sido também a do seu colega ecclista. Nesse festival, efectuado com características de popularidade, tomaram parte os «atams» da Académica da Amadora, Ateneu Comercial, Futebol Benfica e Lisgás, e as raparigas da classe de ginástica da Fábrica Simões & C.ª, L.d.a, de Benfica, em interessantes demonstrações de como o trabalho quotidiano não é incompatível com as práticas da educação física depois das horas de serviço.

Foi realmente agradável, esta festa do Futebol Benfica ao seu atleta mais representativo e sócio n.º 1 da colectividade. A meio dela, o homenageado recebeu as saudações dos directores do clube e da F. P. Patinagem, tendo-lhe a última feita entrega da medalha de mérito com a inscrição «Glória ao desporto». O grupo desportivo da Fábrica Simões ofereceu-lhe, também, uma artística medalha, que a menina Ernestina Leitão, monitora da turma de ginástica, colocou ao peito de Adrião, que recebeu ainda outras prendas. Por fim, e no meio de calorosos aplausos e crescente entusiasmo, Fernando Adrião foi passeado em triunfo, pelo «rink», aos ombros dos irmãos Oliverio e Sidónio Serpa.

Mais tarde — a festa foi nocturna e acabou cêrca da meia-noite — houve «seguinte», na sede do clube, sendo os convidados e comparsas do sarau presenteados com um «Porto de Honra», pretexto para o descerramento da fotografia de Adrião, acto solene a que procedeu o próprio filhinho do homenageado. O sr. capitão Santos Romão, em palavras sentidas, disse das simpatias que Adrião deixava em todos os benfiquistas, afirmando que, «a pesar de os deixar, talvez para sempre, levava consigo um pedaço do coração de cada um deles». E desejou-lhe, e aos seus, as maiores felicidades. José Eugénio, em nome dos companheiros de equipa, teceu o elogio de Adrião e desejou-lhe, também, muitas venturas.

À Noite do Voluntário da Ajuda correspondeu uma série de festas, no recinto do Parque Mayer. Houve concerto pela banda da Polícia, cinema, variedades, fados e guitarradas no Capitólio e na Favorita — e uma reunião desportiva no Estádio Mayer. Consta esta última de exhibições de luta greco-romana e pesos e alteres (duas modalidades dos desportos de força que parece terem caído em desuso...), paralelas, percha aérea e saltos de plinto, patinagem e dois desafios de «hockey», para disputa das taças «Américo Pedrosos» e «José Carvalhido».

O festival desportivo organizado pela benemerita Associação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda, a que preside o nosso amigo e antigo desportista Henrique Lima, foi, em tudo, uma bela reunião de desporto. Só foi pena que na altura da demonstração do jogo de páu, a verdadeira esgrima portuguesa, uma das «armas» se partisse, às primeiras cacetadas, inutilizando assim toda a boa vontade dos executantes...

## Clube Sportivo de Pedrouços

O Sportivo de Pedrouços, colectividade muito simpática, e considerada de utilidade pública, por decreto de 25 de Abril de 1927, encontra-se em festa, por motivo da entrada ao seu 24.º ano de actividade.

O programa das comemorações, que principiaram em 25 de Agosto último, encerra-se no próximo domingo, com um festival de natação, inter-sócios, o qual se efectua nas suas piscinas.

## CURIOSIDADES

### Como pode «nascer» um «boxeur»

NÃO constitui novidade afirmar-se que factos banalíssimos e aparentemente despidos de importância têm, por vezes, influencia decisiva e directa na vida das pessoas.

As breves linhas que hoje fornecemos aos nossos leitores não são mais do que a demonstração que assim é.

Inácio Ara, *Librero*, Gascon, Menjibar, Peiró (agora tão faleado), Llovera e Martin, todos eles figuras de primeiro plano do pugilismo espanhol e alguns bem conhecidos do nosso público, merecem das suas exhibições em «rings» libretos, devesa toda a sua popularidade a casuais e vulgares incidentes de todos os dias.

A admiração por um *boxeur* de renome, o desejo de vingar uma ofensa, uma simples atitude cavalheiresca, a emoção de um «K. O.» e outros factos que a qualquer passariam despercebidos revelaram as aptidões desses pugilistas, descobrindo-lhes a futura profissão.

Vejamos, um por um, os casos referidos.

**Inácio Ara** — Em 1925, na época áurea do espanhol Paulino Uzcudum, Inácio Ara encontrava-se em Paris. Assistir aos treinos do seu compatriota, constituía para Ara e um grupo de amigos o entretenimento obrigatório de todos os dias. Inácio Ara impressionou-se de tal modo, sentiu-se tão atraído pelo «ring», que poucos meses depois estreaava-se como amador.

**Eugénio Librero** — Em Valdecaas, Librero jogava um dia o «gus». A certa altura um rapazola meteu-se de pernoite e apossou-se das bolas. Librero procurou rehavê-las, mas não foi atendido... e tanto bastou para que ambos chegassem a vias de facto.

O então campeão da Europa, António Ruiz, presenciou a cena e descorriu qualidades em Librero; levou-o a um ginásio, começou a treiná-lo e Eusebio deu tão boas provas que nesse mesmo ano ganhava o «Cinturão de Madrid» em «mínimos», sendo proclamado campeão.

**Justo Gascon** — Certo dia, ao atravessar uma rua, Gascon notou que três indivíduos faltavam ao respeito a uma senhora. Dirigiu-se-lhes e apontou-lhes a indelicadeza cometida. Mas eles persistiram e Gascon teve de empregar outros meios, deixando dois desses indivíduos fora de combate. Entusiasmado com o feito e incitado pelos amigos, o futuro campeão dedicou-se desde logo ao «boxing».

**Pepe Menjibar** — Indiferente pela nobre arte, Menjibar foi um dia apresentado por um irmão, que regressava de Africa, com um par de luvas de «boxing». Primeiro, uns treinos «fraternais», sem obediência a regras ou preceitos; depois, o assistir às sessões de pugilismo.

E mais não foi preciso para que Menjibar modificasse a sua opinião acerca da esgrima de punhos.

**Francisco Peiró** — O recente vencedor de Benl foi um belo dia «mimosado» por um amigo com umas bofetadas, dando-se assim por concluída a discussão entre ambos.

Peiró limitou-se a pensar no desforço. Para isso começou a treinar, com tal afinco, que seis meses depois era já campeão de «devesa» da Catalunha. Foi então que, cruzando com o mesmo amigo na rua, este lhe pediu perdão do incidente...

**José Llovera** — Depois de se ter dedicado a vários desportos, Llovera foi assistir a uma sessão de «boxing», no decurso da qual teve ensejo de presenciare uma impressionante «knock-out». O facto causou-lhe tanta emoção, o pugilismo mereceu-lhe tanta simpatia, que Llovera não hesitou em tornar-se «boxeur».

**Juanito Martin** — O campeão Arrila, depois de ter alcançado um retumbante triunfo em Paris, regressou ao bairro de Lavapiés, onde residia. O rapazão da vizinhança, entre o qual estava sempre Juanito, seguia Arrila, como um idolo, por toda a parte.

Isto despertou em Martin, que então tinha nove anos, o desejo de ser pugilista, para o que, dois anos mais tarde, iniciava os seus treinos e preparação.

## Desportistas que nos visitam

NA pretérita sexta-feira, veio à nossa redacção, a-fim-de apresentar cumprimentos de despedida, o conhecido jogador de «hockey» Fernando Adrião, do Futebol Benfica, que no dia imediato seguiu viagem para a África Oriental, onde vai fixar residência.

Fernando Adrião, desportista correcto e que, nesta casa, só conta amigos, procurou-nos para agradecer a reportagem que a «Stadium» fez dele e dar-nos o seu abraço de despedida, pois não conta voltar mais ao continente. A África seduziu-o e é para lá que ele vai com a família.

Desejámos-lhe boa viagem — e muitas felicidades, para si e para os seus.

No mesmo dia, visitaram-nos também — acompanhados do seu «manager», sr. Palma Mira — os pugilistas moçambicanos que ultimamente chegaram ao continente: Carlos Braga, Jorge Tafay e Julio Neves; com eles vieram Carlos Wilson e Fernando Matos, já nossos conhecidos — que regressaram a Lisboa na mesma ocasião.

Todos se mostram encantados com o acolhimento dispensado pelo público e esperam fazer carreira no continente.

Por seu lado, o sr. Palma Mira confia nos seus pupilos.

Agradecemos ambas as visitas.

## «Boxing» no Campo Pequeno

(Conclusão de pág. 4)

mesma... Quere dizer: o combate lá principiar na altura em que acabou! Cá ficamos à espera da prova — porque também no exame de aptidões Gomes não encontrou adversário. E quanto a Justino Rodrigues (60,700) — a impressão não foi favorável: trata-se de um rapaz alto, esguio, com braço longo, que esquivia bem com o corpo mas emprega (será por sistema?) quasi sempre o mesmo golpe: o um-dois, partindo da esquerda e dobrando com a direita. E isso é realmente pouco para um «boxeur» que pretenda fazer carreira no continente. É certo que teve por antagonista um homem que procurou fugir à luta: Afredo Oliveira (62,400). Mas podia impôr o jogo de longe, o que não fez. E Oliveira certamente ganharia se tivesse provocado o «clínch». Chegaram, porém, ambos fatigados ao final — com resultado nulo, de exhibição e de decisão.

Pierre Charles foi, todavia, infeliz — porque Justino ganhou a pugna: por maior insistência nos golpes, condução e melhoria nas esquivas. Mas o árbitro é soberano...

Matos e Oliveira produziram a melhor luta da noite: a daleca luta a valer, afinal. Matos insistiu nos «swings» longos, mas Rui ripostou-lhe sempre com energia. Jordão França viu bem a diferença entre os dois «boxeurs» e deu o triunfo, por pontos, a Matos.

No que respeita ao combate de abertura — aquilo foi uma zangafala consentida! Gama, porém, deu-nos a impressão de melhoria. José Luiz fez mal combate, agradando-se muito e cometendo irregularidades que, com outro árbitro que não fosse Rodolfo Pereira, demasiadamente transigente, o levariam à pena de desclassificação. E foi pena, realmente...

JORGE MONTEIRO

**Bicicletas «FLECHA»**

A GRANDE MARCA  
DOS CAMPEÕES

## Agradecimentos à «Stadium»

NAS suas assembleias gerais, o Futebol Clube Barreirense e o União Piedad F. C. (da Cova da Piedade), aprovaram votos de agradecimento à «Stadium», a do primeiro por aclamação, conforme nos é participado em amável officio, acompanhado de palavras que não merecemos — porque a nossa revista é de todos e para todos, e estando sempre ao dispor de quantos se lhe dirijam.

Igualmente nos é dado conhecimento, pela direcção do C. F. «Os Belenenses», de que, em sua reunião de 22 de Agosto findo, aprovou um voto de «saudação e reconhecimento» — pelo carinho com que a revista seguiu a vida da colectividade.

São deferências que nos penhoram e agradecemos, reafirmando, porém, que a «Stadium» é uma revista desportiva de todos e para todos.

## Bateu-se apenas um «récord» de Portugal nos campeonatos nacionais de natação

OS campeonatos nacionais de natação do corrente ano tiveram por cenário a nova piscina de Espinho, junto ao oceano e com uma linda vista para o mar. E tiveram como principal motivo de emoção a rivalidade criada pelo recente reforço do Estoril Plage.

Mas o cenário de Espinho não bastou, apesar de nos encontrarmos em plena época de verão, para dar ambiente de entusiasmo às provas — e a rivalidade desportiva, capaz de facilitar a queda de qualquer «récord», limitou-se a número reduzido de provas.

A impressão global dos campeonatos pode por isso resumir-se como segue:

Luta valorosa e brilhante em algumas provas, uma série de corridas de pequeno interesse dos campeonatos femininos, alguns «tempos» relativamente fracos e um novo «récord» de Portugal.

Não se batem «récords» todos os dias. É, porém, natural esperar que os campeonatos nacionais de qualquer desporto forneçam resultados técnicos que possam servir de índice de progresso. A tal respeito, foram, apenas, batidos um «récord» nacional de categoria e um regional, na mesma prova — nos 200 metros bruços; o «récord» de juniores pela nadadora Rosa Lopes; e o regional de Coimbra, por Ilda Raposo.

Entre os concorrentes masculinos verificou-se a falta de Mário Simas, ausente na Alemanha, e de Jardim Neto, um dos novos nadadores do S. A. D. com mais estôfo de campeão.

Em senhoras notou-se a falta de Maria Isabel Costa, de Coimbra, suspensa pelo seu clube. Maria de Lourdes Bessone Basto, do Alges, teve por isso de lutar sózinha, nos 200 e 400 metros livres. E não teve adversária da sua categoria nos 100 metros costas e livres. Maria Ester Moura Cabral, do Sporting, não retomou a sua antiga forma, nem na prova de costas, nem em estilo livre.

Na prova de saltos houve um só concorrente: António Guedes Gonçalves, do Estoril Plage.

A melhor prova feminina, grande corrida de princípio a fim, foram os 200 metros bruços. Venceu Rosa Lopes, do Atlético, em boa forma, seguida, de perto, por Ilda Raposo. Silvina Vieira Alves deu um belo exemplo desportivo, pois lutou sempre com entusiasmo, mesmo quando começou a atrasar-se. As três nadadoras chegaram com pequenas diferenças entre si.

Nos campeonatos masculinos tiveram destaque os 100 metros livres, pela brilhante cooperação de Luís da Conceição, de Coimbra, e os 200 metros bruços, pelo duelo travado, em todo o percurso, entre Júlio M. Silva e João da Silva Marques, perdendo este último, apenas por 2/10 s. de diferença. Silva Marques perdeu assim, com a mais notável beleza desportiva, o seu primeiro campeonato nacional, batalhando sempre com entusiasmo na defesa de um título conquistado em anos sucessivos.

Todas as provas merecem comentários, que não são compatíveis com a falta de espaço, nem com a falta de tempo.

Devemos, no entanto, anotar que a província melhorou, de certo modo, a sua representação, em quantidade e qualidade. Nos campeonatos nacionais entraram quasi todos os clubes do costume, mas nas provas complementares apareceram vários do Porto e um de Viana do Castelo — o Sport Clube Vianense.

As provas das duas jornadas assistiu o sr. Mário de Carvalho, delegado no Porto da Direcção Geral de Desportos.

Quando aos campeonatos femininos, há, apenas, que tomar nota dos resultados obtidos por Maria de Lourdes Bessone Basto nos 100, 200 e 400 metros livres, respectivamente: 1 m, 28 s. 2/10; 3 m, 28 s. e 7 m, 38 s. 7/10.

Nos 100 metros costas, Maria de Lourdes teve como adversária Maria Ester Moura Cabral, mas somente até cerca de 30 metros, pois a nadadora «leonina» não pôde manter a mesma velocidade.

Como já dissemos, a melhor prova deste grupo foi a dos 200 metros bruços, disputada por Rosa Lopes, do Atlético, Silvina Vieira Alves, do Alges, e Ilda Raposo, do Conimbricense. Aos 50 metros estavam todas na mesma linha; Ilda pareceu fraquejar no percurso imediato, mas atacou com entusiasmo dos 100 para os 150 metros, fazendo a viragem em primeiro lugar, com Silvina Alves na cauda; no último percurso a nadadora do Atlético atacou com mais decisão, destacando-se da perseguição que lhe fazia Silvina Vieira Alves, sempre valorosa e enérgica. Rosa Lopes tocou a meta em primeiro lugar, completando o percurso em 3 m. 47 s. 2/10. Ilda Raposo viajou — mas perdeu, apenas, por 2/10 de segundo. Silvina V. Alves fez a prova em 3 m. e 49 s. Rosa Lopes tentou bater o «récord» dos 400 metros bruços, mas a noite não estava propícia e a tentativa não deu resultado, pois ficou em 8 m. 19 s. 1/10.

Vejam, agora, as provas masculinas.

400 metros livres — Joaquim Baptista Pereira venceu, novamente, o campeonato, com o à-vontade e energia que lhe são habituais. Saiu em «crawl» e acabou no mesmo estilo, fazendo os trajectos intermediários em «trudgeon». Tempo 5 m. 34 s. 2/10, com as seguintes marcas intermediárias: 100 metros — 1 m. 15; — 200 metros — 2 m. 42 s.; 300 metros — 4 m. 8 s.

Em 2.º lugar classificou-se Jofre de Carvalho, a 35 metros de distância, em 5 m. e 58 s., no seu estilo habitual. Acácio A. Costa, do Beira Mar, foi o nadador provinciano que fez a melhor prova de conjunto, e Manuel Gaspar, da A. Académica de Coimbra, fez a sempre em bom estilo, classificando-se, respectivamente, em 3.º e 4.º lugares, com 6 m. 30 s. 2/10.

200 metros bruços — Bonita prova. Júlio Mendes Silva saiu em «mariposa», mas, a viragem dos 50 metros foi feita em primeiro lugar por João A. Costa, do Beira Mar. Aos 100 metros, tocou Silva Marques em primeiro lugar, com Júlio Silva muito perto; e o mesmo sucedeu aos 150 metros. O nadador individual, tendo feito a viragem quasi ao mesmo tempo, deu logo a impressão de poder ganhar a prova. Mas Silva Marques, enérgicamente, apertou de tal forma o trajecto final que Júlio Silva não pôde utilizar o «mariposa» nos últimos metros, conseguindo, porém, adiantar-se o suficiente para atingir a meta com 2/10 de vantagem. Tempo do vencedor: 3 m. 9 s. 8/10; e o antigo campeão fez 3 m. 10 s. João A. Costa não foi além de 3 m. 18 s. 7/10, seguido de muito perto por Celestino Soares, da A. Académica, em 3 m. 19 s.

100 metros livres. Foi esta a melhor prova da primeira jornada. Os nadadores seguiram quasi na mesma linha até os 50 metros, onde Luís da Conceição foi o primeiro. Mira Gomes atacou muito bem na volta e conseguiu ganhar a prova em 1 m. 7 s. 9/10, confirmando deste modo a sua excelente forma actual como nadador de velocidade. Luís Conceição classificou-se em 2.º lugar, em 1 m. 8 s. 2/10; Herculano Trovão e Rafael Ramos, do Alges, foram 3.º e 4.º, respectivamente, em 1 m. 10 s. e 1 m. 10 s. 2/10.

200 metros livres — Prova disputada igualmente com animação, mantendo-se os nadadores muito juntos até os 100 metros. Foi nítida a supremacia dos lisboetas, em relação aos concorrentes da província. Mira Gomes destacou-se nos segundos 100 metros, ganhando com avanço sobre Bessone Basto, do Alges. Mira Gomes fez 2 m. 34 s. 7/10; B. Basto 2 m. 41 s. 9/10; Herculano Trovão, 2 m. 43 s. 1/10; Luís Conceição, 2 m. 44 s. 2/10; mas Se-

«BOXINGS» — No Campo Pequeno houve ontem à tarde uma reunião privada, para exame de aptidões dos moçambicanos Jorge Tafóy, Carlos Braga e Júlio Neves. A *Stadium* a-pesar da Federação não ter tido a gentileza de enviar, conforme o fez para os restantes colegas da imprensa, o cartão de convite para ingresso no recinto, *leste lá o seu representante!* Por isso, no próximo número, falaremos, a preceito, desta «representação».

— Em sessão privada — estas coisas começam a estar em voga... — disputaram-se, no Gimnasio Clube, dois combates do Torneio de Preparação da A. P. de Lisboa. Cruz Passos venceu Horácio Frederico, por K.O técnico no 2.º assalto, e Paulo Garcia derrotou Manuel Martins, por pontos, num «match» que deve ter sido o mais bem disputado de toda a prova.

DAMAS — O 5.º campeonato de Lisboa, organizado pela Academia Nacional, foi ganho, individual e colectivamente, pelo Benfica. O vencedor absoluto e novo campeão é Fernando Martins.

HÍPISMO — No hipódromo de Torres Novas disputou-se o campeonato do cavalo de guerra, em que tomaram parte os melhores cavaleiros militares portugueses. As provas distribuíram-se por cinco dias, ao fim dos quais se apurou vencedor absoluto o tenente Seródio, do Depósito de Remonta, no «Abstrato».

«HOCKEY» EM PATINS — Dramático de Cascais e Paço de Arcos (R.) disputaram ontem, à noite, a final do torneio promovido pelo primeiro e dotado com as taças «Conde Polid de Nusignano». No próximo número e na secção habitual, faremos referência pormenorizada a esta prova.

O Hockey de Sintra ganhou o torneio-relâmpago organizado pelo Sport União, daquela vila, no qual tomaram parte, também, o Atlético Comercial, a Académica da Amadora e o Campo de Ourique.

NATAÇÃO — A travessia Alhandra-Póvoa de Santa Iria foi ganha pelo alhandreense Manuel Filipe.

A F. N. A. T. organizou um festival, na piscina do Pedrouços, para apresentação das suas escolas, registando-se vitórias de José Pinho, Garcez Paula, João Loureiro, Carlos Braga, Silveira Peters, Eduardo Coutinho, Edmundo Casca e Adelino Tomé.

O Naval Serbalense vai promover a criação da Associação distrital, de colaboração com o Vitória e Sécil.

PATINAGEM — Inaugurou-se o «rink» da Academia Almadense, com um lúcido festival a que, por falta de espaço, só no próximo número podemos fazer uma larga referência, limitando-nos, por agora, a registar o acontecimento.

REMO — O Fluvial Português fez disputar, no rio Douro, várias provas de «out-riggers» e «skiffs», entre sócios, restando, assim, uma velha tradição.

TENNIS — Gérard de Alexandry ganhou o campeonato do norte, em «men-singles», e, com Carlos Neto, o de «doubles».

TIRO AO ALVO — Luís Howort e Manuel Baltasar triunfaram no torneio promovido pela F. N. A. T. e disputado na carreira «Afonso de Albuquerque», no qual tomaram parte cerca de duas centenas de atiradores de organismos corporativos e de coordenação económica.

VELA — Concluíram-se ontem as provas dos campeonatos de «stara» da Mocidade Portuguesa, que compreenderam cinco regatas em igual número de dias seguidos. No Barreiro também se disputaram provas de «duetos» da M. P., com o resultado seguinte: 1.º Barreiro; 2.º Formilho; 3.º Lisboa.

Os barcos Maria Regina, de João Borges (Alhandra) e «Luís», de Fernando Neto (Lisboa) ganharam a prova efectuada na Póvoa de Santa Iria, denominada Festa do Mar.

Nas regatas incluídas nas comemorações do 24.º aniversário do Pedrouços, airm vencedores o Gimnasio do Sul, C. P., Naval Barreirense, Alges e Pedrouços.

### Assine a Revista «Stadium»

3 meses Esc. 19\$50      6 meses Esc. 39\$00  
12 meses Esc. 78\$00

raffim Moreira, do Beira Mar, não foi além de 3 m. 10 s.

Os 1500 metros livres foram ganhos, com o brilhantismo habitual, por Baptista Pereira, de Alhandra, em 32 m. e 31 s.; Jofre Carvalho concluiu a prova com menos de 100 metros de atraso, em 23 m. 35 s. 1/10. Acácio A. Costa, do Beira Mar, gastou 24 m. 44 s. 9/10, fazendo uma prova razoável. O quarto classificado, José Júlio Almeida, do Santa Clara, fez uma boa prova em «crawl», embora gastasse no percurso 27 m. 6 s. 2/10.

4 x 200 metros, livres — Prova ganha pelo Alges e Dafundo à vontade, com superioridade nítida sobre os adversários, fazendo o último percurso com pouco entusiasmo e completando a prova em 11.º e 20.º, o que dá a média, relativamente fraca, de 2.ª e 50.ª, para cada 200 metros. Uma equipa mista de Coimbra, composta por Avelino Lebre, Manuel Garpar, Manuel Teixeira e Luís Conceição classificou-se em 2.º lugar, com 11.º 25.ª e 2/10; em 3.º lugar ficou uma equipa mista do Porto, formada por Afonso Tomé, Salvador Bandeira, José Burnay e Aristides.

A equipa vencedora era composta por Trovão, Oscar Cabral, Rafael Ramos e Bessone Junior.

MÁRIO DE OLIVEIRA



**No XXIV aniversário do Nacional de Natação, festejado com o patrocínio da «Stadium»:**  
 1—Anibal Martins e Américo Sampaio, 1.º e 2.º classificados nos 100 braços;  
 2—Esmeralda S. Silva, vencedora dos 33 costas; 3—Carlos Campanella, um nadador de futuro, que triunfou nos 33 braços infantis; 4—Os concorrentes ao festival de domingo; 5—Na inauguração da secção de campismo, Fernando Sá, redactor da «Stadium», lê a sua palestra; 6—Um aspecto do «Fogo de Conselho».

(Fotos C. Madalra)

